



FUNDAÇÃO NACIONAL DO
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International
Board on Books for Young People

IBBY

Notícias 1

Nº. 1 Vol. 25 – Janeiro de 2003

Livros: o mundo numa rede encantada

Eu era pequena, não sei bem que idade tinha.

Só sei que tinha altura suficiente para poder ficar de pé em frente à escrivaninha de meu pai, apoiar nela os braços e, sobre eles, o queixo. Bem grande, diante de meus olhos, ficava uma estatueta de bronze: um cavaleiro magro de lança na mão, montado num cavalo esquelético, seguido por um burrico onde ia encarapitado um sujeito gorducho segurando um chapéu na ponta do braço estendido, como quem dá vivas.

Respondendo a minha pergunta, meu pai me apresentou os dois:

– Dom Quixote e Sancho Pança.

Quis saber quem eram, onde moravam. Aprendi que eram espanhóis e moravam há séculos numa casa encantada: um livro. Em seguida, meu pai interrompeu o que estava fazendo, foi até a prateleira, pegou um livrão e começou a me mostrar as figuras e contar a história daqueles dois. Numa das ilustrações, Dom Quixote estava cercado de livros.

– E dentro desses aí, mora quem? – quis saber.

Pela resposta, comecei a perceber que havia livro de todo tipo e dentro deles morava o infinito. A partir daí, pelas mãos de meus pais, fui conhecendo alguns deles, como Robinson Crusoe em sua ilha, Gulliver em Lilliput, Robin Hood em sua floresta. E descobri que as fadas, princesas, gigantes e gênios, reis e bruxas, os três porquinhos e os sete anões, o patinho feio e o lobo mau, todos eles velhos conhecidos meus das histórias que eu ouvia, também moravam em livros.

Mais tarde, quando aprendi a ler, quem passou a morar nos livros fui eu. Conheci personagens de contos populares do mundo inteiro, em coleções que me fizeram percorrer da China à Irlanda, da Rússia à Grécia. Me embrenhei de tal maneira nos livros de Monteiro Lobato, que posso dizer que me mudei durante uns tempos para o sítio do Pica-pau Amarelo, era lá que eu vivia. Era um território livre e sem fronteiras. Com a mesma facilidade pude morar no Mississippi com Tom e Huck, cavalguei pelos bosques da França com D'Artagnan, me perdi no mercado de Bagdá com Aladim, voei para a Terra do Nunca com Peter Pan, sobrevoei a Suécia montada num ganso com Nils, me meti pela toca de um coelho com Alice, fui engolida por uma baleia com Pinóquio, persegui Moby Dick com o capitão Ahab, naveguei pelos mares com o Capitão Blood, procurei tesouros com Long John Silver, dei a volta ao mundo com Phileas Fogg, fiquei muito tempo na China com Marco Polo, vivi na África com Tarzan, no alto das montanhas com Heidi e numa casinha na campina com a família



Ingall, fui menina de rua em Londres com Oliver Twist e em Paris com Cosette e os miseráveis, escapei de um incêndio com Jane Eyre, fui à escola de Cuore com Enrico e Garrone, segui um santo homem na Índia com Kim, sonhei em ser escritora com minha querida Jo Marsh, fiz parte do grupo dos Capitães da Areia com Pedro Bala pelas ladeiras da Bahia... e a partir daí fui cada vez mais lendo livros de gente grande.

Assim mesmo. Sem fronteiras geográficas nem faixa etária, tudo comunicando com tudo, interligando-se por todos os lados, numa rede de casas encantadas.

Até que, de conhecer tantos mundos, fui criando os meus. E comecei a dividir com os outros, nos livros que faço, tudo o que mora dentro de mim.

Ana Maria Machado

Dia Internacional do Livro Infantil - DILI

2 de abril de 2003

Com muita satisfação, a Fundação Nacional do Livro Infantil Juvenil – FNLIJ, seção brasileira do IBBY – International Board on Books for Young People, está divulgando, em 2003, o Dia Internacional do Livro Infantil – DILI/IBBY. Responsável pela mensagem para este ano, a FNLIJ organizou, a partir do texto feito pela premiada escritora, vencedora do Prêmio Hans Christian Andersen 2000, Ana Maria Machado, o Concurso IBBY – DILI Latino-americano de Ilustrações, para selecionar a ilustração. Agora, o texto de Ana Maria Machado e a ilustração do peruano Rafael Fabrice Yockteng Benalcázar compõem a mensagem divulgada em cartaz a todas as 64 seções do IBBY, pela FNLIJ, com o apoio da Editora Ática.

ODILI é uma atividade promovida pelo IBBY anualmente, quando

uma seção de um país fica responsável por selecionar o escritor e o ilustrador que vão criar a mensagem. Posteriormente, a seção do IBBY envia a mensagem em inglês, alemão, francês e espanhol, a todas as seções e cada uma se encarrega de fazer a tradução para seu idioma. Em 1984, o Brasil foi encarregado de produzir a mensagem, quando Lygia Bojunga foi a autora do texto, Angela Lago da ilustração e a FNLIJ preparou e distribuiu o cartaz.

Como uma atividade extra do DILI 2003, no Brasil, a FNLIJ está organizando, com o apoio da Editora Ática, o Concurso FNLIJ 35 anos, destinado a professores, bibliotecários, educadores e aqueles que promovem a leitura entre crianças. Aguardem, que no próximo Notícias estaremos divulgando o regulamento.

Ciranda de Livros marca abertura do 4º Salão



O 4º Salão do Livro para Crianças e Jovens, promovido pela FNLIJ, aconteceu entre os dias 22 de novembro e 1º de dezembro de 2002 sob a inspiração de dois projetos de promoção à leitura: a pioneira Ciranda de Livros, que estaria completando 20 anos, e o programa *Literatura em Minha Casa*, do Ministério da Educação (MEC), que teve os primeiros livros distribuídos no ano passado.

Na abertura oficial, que aconteceu no dia 21 de novembro, Elizabeth D'Angelo Serra, secretária-geral da FNLIJ, falou para os convidados sobre a importância da leitura e dos investimentos do governo na promoção da literatura nos últimos anos, através de inúmeros programas. Ela lembrou que a Ciranda de Livros, por seu caráter inovador, não poderia ser esquecida, principalmente ao completar duas décadas.

A Ciranda, uma iniciativa da FNLIJ, da Hoechst e da Fundação Roberto Marinho, teve destaque especial durante a cerimônia, com entrega de homenagens a vários integrantes de sua equipe de criação. Alfredo Gonçalves, Carlos Barbosa, Cláudia Miranda, Gian Calvi, José Carlos Barbosa, Laura Sandroni, Luiz Raul Machado, Maria Luiza Barbosa de Oliveira, Paula Saldanha e Rejane Carvalho França receberam das mãos de Elizabeth Serra diplomas de agradecimento sobre sua participação no projeto. Também foram homenageados Nelson Savioli, superintendente executivo da Fundação Roberto Marinho, e Lucinéia Batista, do Canal Futura, também representando a FRM, proprietária do canal.

"A Ciranda de Livros reuniu autores pouco conhecidos e outros consagrados, renovando a literatura infantil brasileira, que passou a ser uma das mais importantes do mundo. Com ela, os editores perceberam a importância que a literatura infantil poderia ter se recebesse maior investimento", disse Laura Sandroni.

Maria Luiza Barbosa, uma das fundadoras da FNLIJ, contou que tinha ido pedir verbas para outro projeto na Fundação Roberto Marinho quando acabou surgindo a parceria para a Ciranda. José Carlos Barbosa Oliveira quis dividir a



■ Laura Sandroni discursa na homenagem à Ciranda ao lado de Luiz Raul Machado e Elizabeth Serra

homenagem com João Carlos Magaldi, que, segundo ele, foi quem teve a coragem de bancar o projeto.

Depois de 16 anos do término da Ciranda, o entusiasmo de seus criadores ainda é grande. "Fiquei muito contente quando vi que, na Ciranda, poderia desenvolver um verdadeiro projeto e, principalmente, que conseguiríamos levar o livro a uma verdadeira massa de pessoas", disse Alfredo Gonçalves. Rejane de França também é saudosista: "Ainda hoje é uma felicidade quando me lembro da Ciranda e me recordo da alegria das pessoas me contando que tinham aprendido coisas novas com os livros".

O ilustrador Gian Calvi, que desenhou o logotipo do projeto, acredita que a Ciranda foi um ponto de grande incentivo para criar e ilustrar livros no Brasil. "Foi um fator agregador para mostrar que escrever livros infantis era uma coisa séria", completou. A jornalista Paula Saldanha, que divulgou o projeto na TV, contou que até hoje é reconhecida na rua por conta dele, que classificou como uma das mais ricas experiências de sua vida. "Sabíamos da importância da televisão para divulgar a literatura e acreditávamos realmente na Ciranda. Num país sem tradição letrada, com falta de

boas escolas e bibliotecas, o projeto foi fundamental. Ainda hoje sou parada por pessoas me dizendo que têm um livro da Ciranda", disse Paula.

Lucinéia Batista, do Canal Futura/FRM, enalteceu a formação de parcerias entre os diversos setores para a promoção de uma sociedade de leitores. "A literatura infantil e brasileira é uma das pautas prioritárias do Futura desde o início. Em dois dos nossos seis programas que abordam este tema, temos a parceria da FNLIJ. Assim, podemos nos consolidar como o canal que mais investe em literatura", afirmou.

Terminada esta primeira homenagem, Vinícius de Lara, do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), falou aos convidados sobre o crescente investimento do MEC em literatura infantil. Ele expôs os números do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e do *Literatura em Minha Casa*, que atendem a milhões de crianças em todo o país.

Aos presentes, foram mostrados vídeos da Ciranda de Livros. O trabalho de reunir este material foi feito por Laura Sandroni, que garimpou as fitas nos arquivos da Fundação Roberto Marinho e preparou uma cuidadosa edição.

Cesar Maia, o prefeito-leitor



O prefeito Cesar Maia compareceu à abertura do Salão trazendo consigo boas novas: pelo segundo ano consecutivo, 1.034 escolas da rede municipal de ensino e 35 bibliotecas-pólo do município receberam uma verba para compra de livros no Salão.

Elizabeth Serra entregou ao prefeito uma placa de homenagem “pelo investimento expressivo na compra de livros de literatura para as escolas públicas do Rio de Janeiro e apoio ao Salão do Livro para Crianças e Jovens”. A secretária-geral da FNLIJ disse que “nesta cidade, somos beneficiados porque temos um prefeito que também é leitor”.

O prefeito falou com propriedade sobre a importância de se promover o livro entre as crianças e os jovens. “Inteligência se desenvolve com leitura. Quem lê progride. E o Salão incentiva a leitura”, disse ele. “Por isto, novamente as escolas do município vão receber uma verba para ampliar o acervo de suas salas de leitura, suas bibliotecas”, completou.

A verba para cada escola, de R\$ 496, deveria ser gasta para compra exclusiva de livros de literatura infantil e juvenil. No Salão, os professores responsáveis pelas salas de leitura dos colégios utilizaram este dinheiro, que chamam de “cheque-livro”, da maneira que acharem mais conveniente para atender às necessidades de suas escolas.



■ Cesar Maia anuncia verba para compra de livros no Salão

Ottaviano de Fiore valoriza a literatura infantil para bibliotecas



■ Secretário do MinC discursa sobre a importância das bibliotecas

Durante a abertura do Salão, a última homenagem da noite foi prestada a Ottaviano de Fiore, secretário do Livro e da Leitura do Ministério da Cultura (MinC). Ele recebeu uma placa da FNLIJ “pela criação e implementação do programa *Uma*

Biblioteca em cada Município, que valorizou a literatura infantil e juvenil, divulgou e fortaleceu a biblioteca pública aumentando expressivamente o seu número em todo o país”.

Ottaviano de Fiore falou sobre a importância desta instituição para o povo brasileiro. “As bibliotecas públicas são o livro gratuito para o povo. No Brasil, comprar livros é quase proibitivo para a imensa maioria das famílias. Então, expandir a rede de bibliotecas públicas significa ampliar a leitura e a literatura da população”, disse o secretário.

Ele lembrou que o fomento à literatura infantil é importante porque “quanto mais cedo se adquire o hábito da leitura, mais rapidamente se tornará um leitor e melhor se manterá como leitor”. Ottaviano de Fiore disse ainda que, no âmbito social, o Salão tem uma importância muito grande quando coloca as crianças da rede pública em contato com a produção literária. “Significa a possibilidade de as escolas entrarem em contato com uma superlivraria pelo menos uma vez ao ano. Habitualmente, estas crianças não frequentam livraria”, afirmou.

O secretário ressaltou os méritos do trabalho da FNLIJ na criação do hábito da leitura no Brasil. “A Fundação é uma obra benemerita e realiza um trabalho pertinaz, de formiga mesmo, que é tornar uma população letrada”.

Ministro Paulo Renato visita o Salão e recebe homenagem

O ministro da Educação, Paulo Renato Souza, visitou o Salão no dia de sua abertura para as crianças, no momento em que chegavam as primeiras turmas escolares. Ele não pôde comparecer à cerimônia oficial, mas fez questão de abrir um espaço em sua agenda, que estava bastante apertada, para prestigiar novamente o Salão.

Acompanhado por Elizabeth Serra, Paulo Renato percorreu os estandes e visitou os locais de encontro da FNLIJ, como o Espaço de Leitura e a Biblioteca. “Num Salão como este, é preciso envolver as escolas para que elas tragam as crianças, porque, deste modo, estaremos estimulando o hábito da leitura”, disse o ministro.

A FNLIJ, através de Elizabeth Serra, entregou uma placa de homenagem ao ministro “pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola, que valorizou os livros de literatura infantil e juvenil para as escolas públicas”. Ele se disse muito satisfeito com os resultados obtidos no programa e que espera que ele seja mantido no novo governo. “O *Literatura em minha casa* é um programa pioneiro no mundo. Ele atende justamente a tudo que é necessário para que melhorem a educação brasileira: desenvolver o hábito da leitura”, afirmou.

Paulo Renato disse que este contato com a literatura é fundamental para a formação dos indivíduos frente à nova realidade mundial, em



■ O ministro da Educação percorreu os corredores do Salão

que é preciso aprender por toda a vida. “No mundo de hoje, o ensino fundamental, mais do que dar conhecimentos, precisa ensinar a pensar, a raciocinar, e não há instrumento mais adequado para isto do que a leitura”, finalizou o ministro.

Biblioteca FNLIJ/BR: local predileto das crianças



Os olhos atentos das crianças ao chegarem ao Salão logo encontravam um espaço mágico dedicado apenas a elas: a Biblioteca FNLIJ / BR. Ocupando o equivalente a seis estandes logo na entrada do Galpão das Artes do MAM, o espaço impressionava pela movimentação de crianças, mobiliário adequado, aconchego e, principalmente, pelos cerca de dois mil livros de literatura infantil e juvenil disponíveis para a leitura.

Organizada segundo os moldes da FNLIJ, a Biblioteca contou com diversas atividades de literatura feitas em encontros com escritores e ilustradores. Nos dois cantinhos de leitura, um para crianças e outro para jovens, almofadas e pufes eram os assentos preferidos na hora de parar para ler ou ouvir uma história.

Além de servir como um espaço de leitura, a biblioteca também funciona como indicação de qualidade na compra de livros no salão, já que todos os títulos disponíveis para as crianças foram premiados pela FNLIJ.

“A Biblioteca FNLIJ / BR é a menina-dos-olhos do Salão”, explicou Elizabeth Serra. “Com este espaço, queremos mostrar nossa opção de formação e educação da criança para a importância da biblioteca”

A abertura da programação aconteceu com grande animação, no encontro de Daniel Munduruku com as crianças. Ele contou histórias e cantou músicas indígenas para o público que, interessado, o acompanhou nas canções. O escritor Ricardo Benevides e o ilustrador Marcelo Ribeiro apresentaram o livro *Fabiola foi ao vento*, da Revan, contando a história e fazendo perguntas ao público sobre ela. O ilustrador Andrés Sandoval mostrou aos pequenos a prancha de desenhos do livro *O mundo de cabeça para baixo*, da Cosac e Naify.

Autor estreante, André Moura leu *As flores do mar*, publicado pela Nova Didática, para alunos do pré-escolar, mostrando também ilustrações. Depois, as crianças contaram a história à sua maneira. Em seguida, Bia Hetzel conversou com as crianças sobre os dois livros que estava lançando pela Manati – *O dono da verdade* e *Uma alegria selvagem: a vida de Santos Dumont* – e aproveitou para dar uma aula sobre o Pai da Aviação. Participaram do encontro Marcos Villares, sobrinho-neto do inventor, e o físico Henrique Lins de Barros, que explicou o funcionamento do avião.



■ Na biblioteca, as crianças tinham à disposição dois mil livros



■ Na hora da leitura, a agitação natural da idade dava lugar à concentração

A escritora Andrea Daher contou algumas historinhas e leu para as crianças o livro *Vida de cão*, da Casa da Palavra. A animação tomou conta das crianças no encontro com Mary e Eliardo França. Eles fizeram atividades de leitura e desenho com os pequenos, que ganharam de quebra exemplares do livro *Os pingos no circo* para colorir.

O ilustrador Marcelo Pimentel desenhrou para as crianças personagens de alguns de seus livros anteriores, e trouxe também desenhos de casa para mostrar a elas. O escritor Aristides Torres leu poemas de seu livro *Como água no aguaceiro que nem palha no palheiro* e conversou com os pequenos. O desenho de personagens foi a atração principal do encontro de que participou o ilustrador Victor Tavares. Ele também preparou ilustrações especiais a pedidos do público.

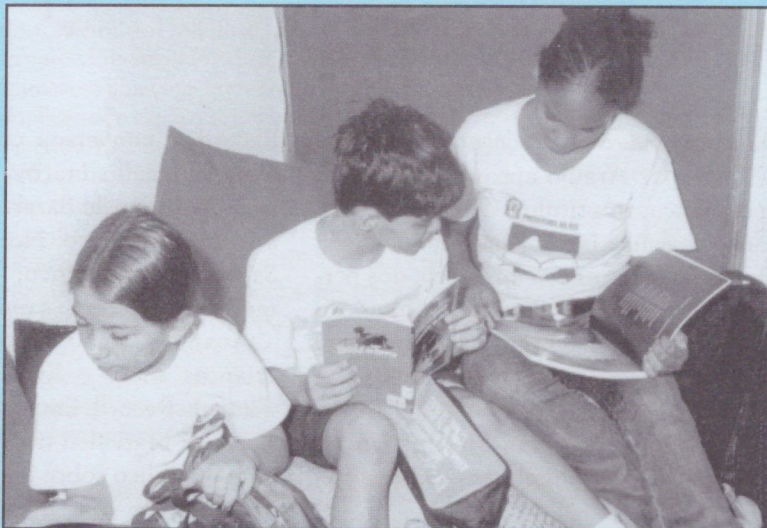
Um grupo de crianças bem pequenas foi entrevistado por Luzia de Maria, que contou as histórias dos livros *A pipa perdida* e *Orato que devorou o gato*. A autora

também pediu que as crianças contassem histórias e cantassem. A escritora Ieda de Oliveira também conversou com os pequenos sobre alguns de seus livros.

Ricardo da Cunha Lima participou de um encontro, em que conversou com as crianças e mostrou a elas algumas de suas histórias. Depois, Guto Lins apresentou a história do livro *É o bicho futebol clube*, da Ediouro.

O ilustrador Jô Oliveira encantou os pequenos leitores ao fazer seus desenhos no cavalete da biblioteca. Giorgina Martins aproveitou o encontro para contar às crianças as histórias dos livros *Fica comigo*, *Espera que eu vou contar como foi*, *O menino que brincava de ser* e *No olho da rua*.

Contando histórias e pedindo para que os pequenos leitores desenhassem, o ilustrador André Neves marcou sua segunda participação no Salão. Os desenhos também continuaram no encontro com o ilustrador Cláudio Duarte, que mostrou *O laço cor-de-rosa*, de Carlos Heitor Cony, publicado pela Rocco. Ele fez



■ Nas almofadas da biblioteca, conforto para desfrutar a leitura



■ Os encontros com os autores eram sinônimo de sucesso na biblioteca

inúmeros desenhos para as crianças.

A autora Luciana Sandroni participou contando as histórias de *Falta um pé*, *Gata menina* e *Ludi na TV*. Em seguida, Liliana e Michele Iacocca encantaram as crianças que estavam na biblioteca: enquanto ela contava histórias, ele desenhava.

Desenhando e conversando com as crianças ao mesmo tempo, o ilustrador Marcelo Pimentel participou de um outro encontro na biblioteca. Assim como ele, a ilustradora Mariana Massarani fez desenhos e falou com os pequenos. Em seguida, Fátima Míguez fez brincadeiras e contou histórias.

Novamente, Guto Lins fez ilustrações e leu histórias para as crianças. André Neves voltou a ocupar a biblioteca, desenhando no cavalete. Maurício Veneza também ilustrou. Depois, Elvira Vigna fez uma atividade em que brincou com imagens. A autora Lia Neiva contou histórias de vários de seus livros.

A programação contou ainda com Eduardo Bakr, que leu algumas de suas histórias e falou com as crianças. Paula Sandroni preparou este mesmo tipo de atividade. Márcio Vassalo também contou histórias e conversou com as crian-

ças. André Moura falou novamente sobre seu livro *As flores do mar*, da Nova Didática.

A escritora Laura Castilhos e a ilustradora Cristina Biazetto estiveram na biblioteca participando de um encontro com as crianças. Laura contou histórias e Cristina desenhava para as crianças. Por duas vezes, a autora Gláucia de Souza esteve no local. Ela falou de seus livros e escreveu uma história com a ajuda do público. Depois, foi a vez de Luiz Antonio Aguiar participar de um encontro.

Graziela Hetzel esteve na biblioteca para contar aos pequenos as histórias de seus últimos livros. Após esta atividade, Rosa Amanda Strausz falou com um grupo sobre seus livros. Depois, foi a hora de Zelita Seabra mostrar *Deuses e Heróis*, da Record, e conversar com as crianças sobre mitologia grega.

Isabela Barbosa foi outra autora a participar de um encontro, em que pôde ler para as crianças. Edna Bueno também contou histórias. Em outra oportunidade, o escritor Ricardo Benevides contou a história de seu livro.

O ilustrador Zaven Paré desenhava para as crianças e contou a história de *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*. Em

seguida, Sonia Rosa falou sobre o livro *Quando o dia engoliu a noite*, da DCL.

A grande sensação da biblioteca foi o encontro com Ana Maria Machado. Além de contar algumas de suas histórias e de ser entrevistada pelos pequenos, ela distribuiu muitos autógrafos.

O autor Márcio Leitão e a ilustradora Juliana Freitas estiveram com as crianças. Ele contou a história de *A onça Leonora*, da Lucerna-Zeus, enquanto ela fazia ilustrações. Em outro dia, Ricardo da Cunha Lima contou histórias de seus livros ao participar de um encontro. Como ele, Nilma Lacerda conversou com as crianças e leu algumas histórias.

Anna Cláudia Ramos ocupou seu horário criando uma narrativa com a ajuda das crianças. Gilda Radler Aquino também esteve na biblioteca participando de um encontro. Elisa Lucinda contou histórias para o público infantil. Para um grupo de adolescentes, Thalita Rebouças falou do livro *Ação entre amigas*, da editora Ao Livro Técnico.

O talento de Nelson Cruz encantou as crianças no encontro que o ilustrador teve na biblioteca. Ele desenhava para as crianças no cavalete e conversou bastante com elas.

O autor Leo Cunha leu alguns poemas do livro *Clave de Lua* e respondeu a perguntas das crianças. Em seguida, Domingos Pellegrini contou histórias, leu poemas e distribuiu alguns livros entre as crianças. Marcelo Xavier promoveu uma oficina com massa de modelar, mostrando como fez as ilustrações de um de seus livros.

Muito sorridente e atencioso, o autor Pedro Bandeira participou de um encontro, onde contou várias histórias. Ele também tirou muitas fotos e distribuiu autógrafos entre os pequenos leitores. Depois dele, a autora Angela Lago falou sobre seus livros. Lucia Fidalgo entrevistou e foi entrevistada pelas crianças durante um encontro. O autor Antonio Torres contou histórias.

Ulisses Tavares falou sobre seus livros com as crianças. Em seguida, a ilustradora Ana Raquel mostrou seus desenhos para a garotada. Ricardo da Cunha Lima esteve na biblioteca para contar histórias e conversar com os pequenos. Stela Maris Rezende participou de um encontro, trazendo com ela o ilustrador Eduardo Albin, que desenhava no cavalete.

Nilma Lacerda esteve de novo na biblioteca num encontro com o público juvenil. A autora Luciana Savaget fechou a programação com histórias de seus livros e uma conversa animada com as crianças.

Espaço FNLIJ de Leitura



Neste 4º Salão, o Espaço de Leitura FNLIJ se consolidou como um local de encontro entre autores, especialistas e o público. O número de lançamentos, que aumentou significativamente em relação a 2001 – de 38 para 83 – mostra que as editoras, casa vez mais, estão apostando no Salão para a divulgação de seus livros. Além disso, aconteceram no local 19 encontros com leitores, do público infantil ao adulto, e três performances de ilustração.

A programação do Espaço começou com um encontro com Mary e Eliardo França, que, depois de conversarem e desenharem com as crianças, promoveram a distribuição do livro *Os pingos no circo*. O ilustrador Andrés Sandoval e a autora Luise Weiss fizeram uma atividade conjunta com os pequenos. Em roda, enquanto Andrés mostrava os desenhos originais do livro que ilustrou — *O mundo de cabeça para baixo* —, lançado pela Cosac & Naify, Luise fazia o lançamento de *Dentro do Espelho*, da mesma editora.

As atividades prosseguiram em ritmo de festa com o encontro do autor Daniel Munduruku. Ele contou histórias indígenas para as crianças, que depois cantaram e dançaram acompanhando. Em seguida, Ieda de Oliveira lançou o livro *A bruxa e a fada*, pela DCL.

O escritor Tiago de Melo Andrade conversou com o público sobre a preparação de *Memórias de uma pizza*, da RHJ. Adriana Falcão lançou seu último livro, *Luna Clara e Apolo Onze*, da Salamandra.

A autora Andrea Daher e o ilustrador Zaven Pará preferiram uma atividade informal ao lançar *Vida de cão*, pela Casa da Palavra. Zaven fez ilustrações no cavalete e as crianças puderam preparar desenhos. Liliana e Michelle Iacocca lançaram *De onde você veio*, da Ática, lendo e desenhando para as crianças. Em seguida, a autora Benita Prieto leu para as crianças três livros de Sylvia Orthof lançados pela Record: *Malandragens de um urubu*, *Pererê na pororoca* e *As casas que fugiram*. A Barsa anunciou o lançamento de duas coleções: *Vamos conhecer o corpo humano* e *Disney's Magic English*.

Sonia Rosa lançou dois livros: *O segredo do vento*, pela Lucerna, e *O mar de Angela*, pela DCL. Ela contou a história para as crianças e deu muitos autógrafos. Para o público juvenil Luzia de Maria

lançou *Minha caixa de sonhar II*, da Globo.

Rose de Araújo aproveitou o Salão para lançar três títulos: *Os amigos de Lis*, *Simplemente Lis* e *Era uma vez o sal*, pela Lucerna. Ela contou a história dos personagens – criados para tirinhas do jornal Extra – e as crianças desenharam como eles seriam, já que eles não têm rosto, no original.

A autora Georgina Martins lançou *No olho da rua – historinhas quase tristes*, pela Ática.

Flávia Lins e Silva trouxe a ilustradora Fabiana Egrejas para o lançamento de *O estranho bicho Zim*, pela Zahar. Ela ia contando a história para as crianças enquanto Fabiana ia fazendo as respectivas ilustrações.

Para o lançamento de *O laço cor-de-rosa*, da Rocco, escrito por Carlos Heitor Cony, esteve presente o ilustrador Cláudio Duarte. Ele fez ilustrações e pediu

Nos dez dias do Salão, 83 livros foram lançados no Espaço de Leitura FNLIJ, que também teve encontros com autores e painéis de ilustração

para as crianças desenharem com ele. A ilustração também predominou no lançamento de *Vizinho Vizinha*, pela Companhia das Letrinhas. Os três autores: Roger Mello, Graça Lima e Mariana Massarani fizeram um grande painel, mostrando com fizeram os desenhos a seis mãos. Eles também explicaram às crianças como foi o processo de criação.

Edna Bueno lançou *Vovó e vento – quanto movimento!*, pela Lucerna-Zeus, com a presença do ilustrador Victor Tavares. Enquanto ela contava a história, ele preparava as ilustrações. Marina Colasanti também lançou seu último livro no Salão, *A amizade abana o rabo*, da Moderna. Além de falar sobre o livro, ela distribuiu muitos autógrafos.

Dando uma verdadeira aula de cultura grega, Zelita Seabra contou histórias de *Deuses e Heróis*, lançado pela

Record, e conversou com as crianças. Laura Bergallo lançou *Um trem para outro mundo*, pela Saraiva, e falou sobre a história do livro. No lançamento de *Shilapibum*, da Franco, Álvaro Ottoni também conversou com as crianças.

Ivanir Calado conversou com as crianças sobre o livro *A caverna dos Titãs*, da Record. Em outro lançamento, Luzia de Maria leu trechos e conversou com o público sobre *Leon de Almadaçar no Reino de Don Roquetão*, da FTD. Mostrando intimidade com as crianças, Luciana Savaget participou de um encontro, onde contou histórias e conversou sobre seus livros.

Paula Sandroni falou com o público sobre *Rato de teatro*, da Global. Eduardo Bakr conversou com as crianças e contou as histórias de *Paço de anjo*, da RHJ, e *A rainha e o vento*, da Paulinas. A autora Sonia Rosa esteve novamente no Espaço para lançar *Quando o dia engoliu a noite*, da Paulinas.

Cristina Almeida lançou três títulos pela Ao Livro Técnico: *Mundo mágico*, *Crianças contentes* e *Sonho sonhado*. No encontro, ela contou histórias e fez dinâmica com as crianças. Já Laura Castilhos aproveitou para falar com os pequenos sobre os livros *A família sujo* e *O natal de Natanael*, da Projeto.

A escritora Gláucia de Souza e a ilustradora Cristina Biazetto participaram do lançamento de *Tecelina*, da Projeto. Gláucia conversou com as crianças e Cristina preparou desenhos.

No lançamento de *Curupira*, da Manati, Roger Mello fez ilustrações e falou sobre a história do livro.

Ao lançar *Histórias para sonhar acordado*, pela Scipione, João Carrascoza leu a história e desenhou. Em sua segunda participação no Espaço, Luciana Savaget lançou *O amor de Virgulino Lampião*, pela DCL, quando contou a história para as crianças.

A escritora Lia Neiva participou de um encontro onde falou sobre seu processo de criação e sobre as etapas necessárias para um livro ficar pronto. O autor Gian Calvi lançou os livros *Agora estamos em paz* e *As vantagens de sermos diferentes* e a *Coleção Bichos Fantásticos e Cidadania*, da editora Crianças Criativas. Junto a ele, as crianças puderam desenhar no cavalete.

Graça Lima respondeu às inúmeras

perguntas dos leitores ao lançar *Sai da lama jacaré*, pela Paulus. Com um público adolescente, aconteceu o lançamento de dois livros de Graziela Hetzel: *O colar de pérolas*, pela Manati, e *Histórias de lavar a alma*, pela DCL. Como um de seus livros falava de alcoolismo, a autora convidou jovens de escolas municipais a debater sobre o assunto. Um deles até promoveu um esquete em cima do tema.

Famosa por suas ilustrações e estrepante nas letras, Mariana Massarani lançou dois livros pela Manati: *Marieta Julieta da Selva Amazônica da Silva e Souza* e *Leo, o todo-poderoso Capitão Astronauta de Leox: a cidade perdida*. Ela fez um resumo das histórias e desenhou os personagens.

Ao lançar *É só gostar*, pela DCL, Isabella Barbosa leu a história para as crianças. Durante o lançamento de *Poesia essencial*, pela Manati, Roseana Murray leu alguns poemas e chamou as crianças para criarem suas próprias.

Maria Teresa Maldonado chamou a atenção sobre a preservação do meio ambiente no lançamento de *Florestania*, da Saraiva. Depois dela, voltou ao Espaço Roseana Murray, desta vez com o lançamento de *O fio da meada*, da Paulus. Em seguida, Maria Lucia Amaral lançou *Alfredo e os peixes*, da Paulus.

Publicado pela Nova Didática, *As flores do mar*, de André Moura, Eduardo Bordoni e Fabio Muniz, fez sucesso entre as crianças. Durante o lançamento, Eduardo ilustrou para as crianças, que também receberam material para desenhar.

O público prestigiou a escritora Anna Cláudia Ramos no lançamento de *A gente pode II*, pela DCL. Marcelo Xavier também atraiu muitas crianças ao participar de uma atividade com massa de modelar, material utilizado nas ilustrações de seus livros. Os leitores também compareceram ao lançamento do mais novo livro ilustrado por Nelson Cruz – *Conto de escola*, da Cosac & Naify.

Esses livros dentro da gente, da Casa da Palavra, foi o título lançado pela escritora Stela Maris Rezende. Como ela, Gilda Radler de Aquino lançou *Por que o céu chora*, pela Brinque-Book.

Filha e pai, Elisa e Sérgio Lucena lançaram *Muito além dos arrozais*, pela Lucerna - Zeus. Eles conversaram com os leitores sobre a experiência de escrever um romance a duas mãos.

O escritor Bartolomeu Campos Queirós participou de um encontro com

leitores jovens e adultos sobre questões relativas à literatura. Luiz Gustavo, acompanhado do ilustrador Mig, lançou *Um doce de menino*, pela Lucerna-Zeus.

Rogério Andrade Barbosa lançou dois livros: *Ciranda do Rio São Francisco*, pela FTD, e *Como as histórias se espalharam pelo mundo*, pela DCL. A ilustradora Ana Raquel participou desenhando para as crianças.

Premiada em 1982 com o Hans Christian Andersen, mais importante prêmio de literatura infantil e juvenil do mundo, Lygia Bojunga esteve no Salão lançando *Retratos de Carolina*, primeiro livro de sua editora, a Casa Lygia Bojunga. O livro ficou à venda no estande da FNLJI.

Também vencedora do Hans Christian Andersen, em 2000, Ana Maria Machado lançou três livros: o segundo volume de *O tesouro das cantigas para crianças*, pela Nova Fronteira, *De carta em carta*, pela Moderna,



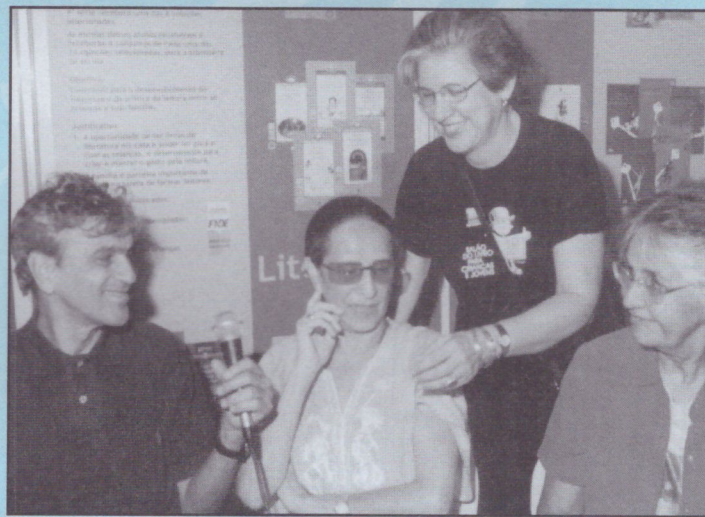
e *Histórias à brasileira, a Moura Torta e outras*, pela Companhia das Letrinhas. Muitos leitores, adultos e crianças, a rodeavam em busca de autógrafos.

No lançamento de *Quem não arrisca não petisca*, pela DCL, Fatima Miguez convidou uma criança para ler. Também pela DCL, Luciana Savaget lançou *Japuaçu e a estrela de fogo*. Ela trouxe dois atores para ler e também pediu ajuda às crianças.

O escritor Ulisses Tavares lançou *Será uma vez*, pela DCL, e *Sete casos do detetive Xulé*, pela Saraiva. Com uma conversa animada com as crianças, os primos Márcio Leitão e Juliana Freitas lançaram *A onça Leonora*, pela Lucerna - Zeus.

Caetano e Bethânia participam de lançamentos da Editora Moderna

Dois ícones da música popular brasileira prestigiaram o lançamento da Coleção Mestres da Música Brasileira, da Editora Moderna, que aconteceu no encerramento do 4º Salão. Caetano Veloso e Maria Bethânia fizeram uma surpresa para a irmã Mabel Velloso, que lançava as biografias de Caetano e de Gilberto



■ Caetano e Bethânia ao lado de Elizabeth Serra e Mabel Velloso

Gil para o público infantil e juvenil. Ela não vinha ao Rio há 28 anos e não sabia que os irmãos famosos estariam presentes.

O burburinho para fotos e autógrafos não deixou que os autores e os convidados ilustres esquecessem da importância do livro na vida das crianças e jovens. Caetano disse que faz campanha para os filhos lerem, mas que é muito difícil porque são muitos os estímulos externos que desvirtuam o interesse das crianças. “Mas acho louváveis todos os esforços que se façam para atrair a criança para a leitura, como faz o Salão”, disse ele.

Bethânia também elogiou o fato de o

Salão ser voltado inteiramente para o público mais jovem. A cantora disse que não é que seja difícil a criança gostar de ler, mas que é preciso de estímulos. “Depois que há este contato, o pequeno leitor fica fascinado”, afirmou.

Da mesma coleção, André Diniz e Juliana Lins faziam o lançamento de *Pixinguinha* e Ângela Braga Torres mostrava ao público o livro *Chico Buarque*. Para André, é importante este resgate de memória da musicalidade, especialmente para o público mais jovem. “Este tipo de livro humaniza os personagens, porque mostra que os músicos levam uma vida como a nossa”, disse o autor.



■ Cássia Kiss recitou poemas enquanto Antonio Calloni leu crônicas de Drummond

Drummond: contos e poemas em homenagem da Record

No ano de centenário de nascimento de Carlos Drummond de Andrade, o Espaço de Leitura FNLIJ recebeu os atores Cássia Kiss e Antonio Calloni, que apresentaram o público com textos do poeta mineiro. Durante uma hora, eles se dividiram na leitura, para deleite do público. Enquanto Cássia recitava poemas, Calloni lia pequenos contos recheados de ironia.

“É nossa obrigação divulgar a leitura. Poder ler Drummond para as pessoas e ver que elas realmente ouvem, prestam atenção e gostam é uma satisfação”, disse Calloni. Cássia Kiss, que afirma ser apaixonada por livros, ressaltou a importância do Salão na formação de jovens leitores: “No Salão a gente planta uma sementinha do gosto pelo livro. Todo mundo aqui tem um livro na mão”.

Manatilança biografia de Santos Dumont em grande estilo

A Editora Manatí preparou uma surpresa para as crianças no lançamento de dois livros de Bia Hetzel: *O dono da verdade* e *Uma alegria selvagem: a vida de Santos Dumont*. Além das presenças das ilustradoras Mariana Massarani e Graça Lima, a autora convidou Marcos Villares, sobrinho-neto do inventor; e Henrique Lins de Barros, físico e pesquisador.

Enquanto Marcos contava aos pequenos algumas curiosidades da vida do parente famoso, Henrique mostrava o funcionamento de um avião e os princípios físicos que permitiam que eles levantassem vôo. Ele chegou a fazer, em papel,



uma réplica do 14 Bis. As crianças também receberam a visita surpresa de um representante da história da aviação no país — o Brigadeiro Fortunato, que integrou a Força Aérea Brasileira (FAB) na 2ª Guerra Mundial.



■ Kayky Brito leu para as crianças no Espaço

Record traz vampirinho da TV no lançamento de coleção de terror

Grande sucesso entre as crianças, a literatura de terror infantil ganhou mais um reforço de divulgação no Salão. Kayky Brito, o Zeca da telenovela “O beijo do vampiro”, leu trechos da *Coleção Horripilantes*, da Record. O jovem ator parecia esquecer que estava em público ao contar as histórias para as crianças.

Bastante concentrado na leitura, Kayky deixou o fim da história em suspense, aguçando a curiosidade dos leitores. Para o ator, ler é muito importante na medida em que transporta o leitor para um mundo diferente. “Você aprende muito e entende melhor as coisas”, afirmou.

Ilustração ganha destaque no Salão, com painéis, palestra e exposição



A ilustração foi a grande atração do 4º Salão, com várias atividades dedicadas à informação visual nos livros infantis e juvenis. Esta importância ficou visível já na entrevista especial do jornal Notícias do Salão, distribuído para os visitantes, que tinha na capa o ilustrador Nelson Cruz. Em 2002, ele foi indicado pela FNLIJ para concorrer ao prêmio Hans Christian Andersen, na categoria ilustração.

O fascínio das crianças pelos desenhos pôde ser comprovado pelo sucesso que tiveram as três Performances de Ilustradores que aconteceram no Espaço de Leitura FNLIJ, nos dias 23, 24 e 30 de novembro. No sábado, 23, a atração ficou por conta do talento de Zaven Paré, Michelle Iacocca e Victor Tavares. Eles desenharam em um grande painel, sob os olhos atentos da garotada, que depois também foi convidada a deixar sua marca.

Já no domingo, 24, as estrelas foram Ivan Zigg, Guto Lins e Jô Oliveira que, prepararam grandes desenhos juntamente com as crianças. Jô Oliveira observou o entusiasmo dos pequenos e disse que isto acontece porque “o desenho é um linguagem muito própria”.

No dia 30, a última performance reuniu outros três expoentes da ilustração para livros infantis e juvenis: Nelson Cruz, Angela Lago e Ana Raquel. Nelson Cruz afirmou que o sucesso do Salão do livro acontece porque “ele também é um salão da imagem, da ilustração”.

Além da criançada, os adultos também puderam saber um pouco mais sobre ilustração no bate-papo *Leitura de livros sem textos*, com a portuguesa Maria José Sotto Mayor, especialista em ilustração e história da arte. Durante a conversa, ela exaltou a qualidade dos livros brasileiros: “No Brasil, sempre houve excelentes



■ Os painéis de ilustradores fizeram sucesso entre as crianças. Na foto, Ivan Zigg desenha com elas



■ Especialista em ilustração, Maria José Sotto Mayor participou de um bate-papo no Espaço

escritores, mas hoje, além de ter-se uma grande produção editorial, nota-se a qualidade dos ilustradores”.

A especialista atesta que, na literatura, principalmente a infantil e juvenil, não há como se preocupar apenas com o conteúdo, deixando de lado a qualidade gráfica e o valor dos desenhos. Mas disse que o país está na vanguarda do assunto: “Vou à Feira de Bolonha há 22 anos e posso afirmar com certeza que, nesta questão, o Brasil não está atrasado em relação à Europa. Aqui, os autores são extremamente criativos na forma de usar as ilustrações”.

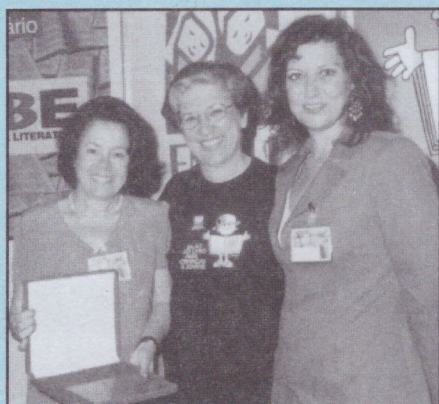
Os visitantes também puderam conferir uma exposição com capas

dos 28 melhores ilustradores brasileiros. Os painéis com os livros premiados estavam espalhados entre os estandes da editoras. Participaram da exposição Ana Raquel, Angela Lago, Cláudia Scatamacchia, Cláudio Martins, Ciça Fittipaldi, Demóstenes Vargas, Eliardo França, Elisabeth Teixeira, Eva Furnari, Gerson Conforto, Gian Calvi, Graça Lima, Helena Alexandrino, Humberto Guimarães, Ivan Zigg, Jô Oliveira, Marcelo Xavier, Mariana Massarani, Marilda Castanha, Michele Iacocca, Nelson Cruz, Regina Yolanda, Ricardo Azevedo, Roger Mello, Rogério Borges, Rubens Matuck, Rui de Oliveira e Zé Flávio Teixeira.

Seminário da FNLIJ debate PNBE



Professores, bibliotecários, representantes de editoras e de autores de livros infantis e juvenis se reuniram por dois dias no Rio de Janeiro para debater o Programa Nacional Bibliotecas da Escola (PNBE), do Ministério da Educação (MEC). O objetivo era discutir os avanços trazidos por este programa e elaborar um documento a ser entregue ao próximo governo pedindo a sua continuação.



■ Iara Prado (E), Beth Serra e Mônica Messenberg

Organizado pela FNLIJ, o seminário PNBE: o direito de ler literatura tratou de vários aspectos envolvendo a distribuição de livros de literatura para alunos e escolas, como a seleção dos títulos, a metodologia adotada, a análise do Tribunal de Contas da União (TCU), a opinião dos editores e o ponto de vista dos autores. De várias partes do país, foram ouvidos relatos sobre experiências bem sucedidas de utilização dos livros e também sugestões para sua melhoria.

“Para melhorar o país, precisamos unir educação e cultura, o que foi conseguido nos últimos anos com o PNBE, que deu ênfase à literatura infantil e juvenil na distribuição de livros”, disse Elizabeth Serra, secretária-geral da FNLIJ, na apresentação do seminário.

Durante o seminário, Elizabeth Serra entregou uma placa de homenagem a Iara Prado, secretária do Ensino Fundamental do MEC, pela criação do projeto *Literatura em minha casa*, integrador da ação familiar e escolar em prol da formação de leitores por meio da literatura infantil e juvenil”.

Na abertura, no dia 25 de novembro, foi feita uma homenagem à Ciranda de Livros, projeto que completou 20 anos em 2002 e que representa a primeira iniciativa de distribuição de literatura nas escolas públicas do país.

Depois, foi a vez de representantes do MEC falarem sobre o PNBE. Mônica Messenberg, presidente do Fundo Nacional de Educação (FNDE/MEC), comparou o PNBE à Ciranda, só que com um cunho inteiramente público. Para ela, o objetivo principal era complementar as políticas da rede estadual e municipal e, com a distribuição de obras de literatura infantil e juvenil, promover a melhoria do ensino e estimular o hábito de leitura. Coube ao FNDE garantir que isso fosse transformado em realidade, cuidando de logística, compra de livros por preços adequados e verificando o atendimento às escolas.

O PNBE começou em 1998, e manteve o foco na escola neste ano e no seguinte. Nos dois anos, cada uma das 20 mil escolas públicas com mais de 500 alunos recebeu um acervo de literatura brasileira, infantil, dicionários, enciclopédias e outras obras de referência para servir de embrião para uma biblioteca. No total, são 81 milhões de livros entregues aos colégios. Em 2000, após uma avaliação de que a utilização dos livros poderia ser melhor, o foco ficou no professor, com entrega de materiais didático-pedagógicos que orientavam o uso do acervo.

A mudança conceitual aconteceu em 2001, quando o PNBE criou o programa *Literatura em minha casa*. Os livros agora seriam entregues ao próprio aluno. “O MEC repensou a questão da biblioteca escolar e percebeu que a maneira mais eficaz de facilitar o acesso da criança ao livro era fazê-la levá-lo também para casa”, explicou Mônica Messenberg.

Um ponto muito discutido durante todo o seminário foi o dos casos isolados de diretores e professores que não entregaram as coleções que eram dos alunos para os mesmos, preferindo mantê-las nas escolas. Esta notícia repercutiu bastante nos meios de comunicação há alguns meses, fazendo com que Secretaria de Ensino Fundamental recebesse inúmeras cartas de professores explicando o porquê de o acervo não ter sido distribuído. Segundo a secretária Iara Prado,

“este fato permitiu detectar problemas que aconteciam e dialogar com os professores sobre a necessidade de o livro chegar aos alunos”. Ela terminou seu discurso ressaltando a importância de o programa continuar e ser estendido para outras séries do ensino fundamental.

Quanto à conversa com o novo governo sobre a manutenção do programa, Iara Prado disse que o contato já foi feito e que a expectativa é de que ele continue. “Existem recurso e interesse em manter um programa deste valor. Num país com uma desigualdade social como é o Brasil, cabe ao Estado entregar este primeiro grupo de livros para as crianças”.

SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO DO PNBE

O painel sobre seleção e orientação do PNBE em 1998 e 1999 contou com a participação de vários especialistas que participaram deste momento. A primeira a falar foi Madza Nogueira, coordenadora e editora do *Guia do Livronauta*, livro que acompanhou as coleções para orientar os professores. “Os livros eram o início da distribuição do latifúndio intelectual deste país, mas em muitos casos não estavam sendo usados. Por mais interessante que fosse o material distribuído, só poderia ganhar vida se houvesse investimento no fator humano, nas pessoas que fossem manuseá-lo”, disse ela.

Depois, foi a vez de Luís Camargo, que integrou a equipe do *Manual de Histórias e Histórias*, sobre o PNBE 1999, falar sobre a iniciativa de orientar as escolas sobre o acervo. Ele participou da criação de um manual contendo cartas que relatavam experiências de sucesso na utilização dos livros. “Nas cartas, apesar de mantermos o relato ficcional, procuramos incluir o máximo possível os pareceres da FNLIJ sobre a melhor maneira de usar os livros”, explicou.

Nilma Lacerda, da FNLIJ, que foi parecerista do PNBE em 1999, afirmou que uma das preocupações que norteou a escolha dos títulos foi a questão da qualidade, e não da quantidade. Por isto, cada livro foi analisado por dois especialistas, que deveriam enviar um parecer ao MEC justificando a escolha. “Na seleção, levamos em conta que há livros de literatura para crianças e jovens, mas que os jovens têm direito a ler literatura, sem adjetivos”, ressaltou.

Elizabeth Serra, que coordenou pela FNLIJ a seleção dos livros em 1999 e foi responsável pelo relatório entregue ao MEC, reafirmou o compromisso com a qualidade do acervo escolhido, que incluía obras premiadas pela Fundação, clássicos da literatura e livros traduzidos, tanto clássicos quanto contemporâneos. Ela foi taxativa quanto aos méritos dos livros escolhidos: “Pensamos em oferecer um acervo de qualidade como aos que os nossos filhos tinham acesso”.

SELEÇÃO DO LITERATURA EM MINHA CASA

O painel sobre a seleção dos títulos que compunham as coleções do *Literatura em minha casa* ouviu a opinião de especialistas que fizeram parte da equipe técnica e do colegiado que se reuniu durante uma semana para escolher os títulos.

Integrante do colegiado em 2001 e 2002, Lucia Maroto, do PROLER/ES, foi categórica ao afirmar que é importante uma parceria do Governo Federal com as secretarias estaduais e municipais numa política de incentivo à leitura. Ela disse que além de o MEC aumentar o acervo, ainda vem incentivando as secretarias a comprarem livros. “A própria participação das secretarias no PNBE contribui para que elas se preocupem em fazer alguma coisa também”, acredita.

Maria José Nóbrega, que participou da equipe técnica nos dois anos do programa, chamou a atenção para a qualidade dos integrantes da comissão e falou sobre os critérios para a escolha dos livros, como textualidade, pertinência, temática, representatividade de autoria, referências à cultura brasileira e projeto gráfico. Ela ressaltou a importância do programa: “É criminoso sonegar estes objetos (os livros) às crianças que estão na escola pública e que precisam deles para se tornar seres humanos críticos”.

Suely Duque Rodarte, da UNDIME/MG, também integrante do colegiado nos dois últimos anos, disse que o PNBE precisa continuar no próximo governo pela sua seriedade e legitimidade. Para ela, um ponto que deve ser destacado é o compartilhamento de responsabi-

lidade entre governo e especialistas. “Se houver falhas, o MEC não pode ser responsabilizado sozinho”.

Fernando Coelho Silveira, do UNDIME/RJ e secretário de Educação de Nilópolis, fez parte do colegiado e disse que chegou a discordar tecnicamente de algumas escolhas, mas que não houve pressão para que mudasse de opinião. Segundo ele, o que era buscado na opinião dos especialistas era a coerência. Ele também ressaltou a significativa melhoria das coleções de 2001 para 2002. Talvez por isto tenha ficado difícil escolher apenas cinco, e tenha sido aumentado o número para oito.

No último painel do dia 25, Marcelo Soares, coordenador da auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU) sobre o PNBE, discorreu sobre os pontos do programa que precisam ser melhorados sem deixar de ressaltar os avanços trazidos por ele e a expectativa de que ele continue nos próximos anos. Como propostas para sua otimização, foram apontadas a elaboração de um objetivo mais específico, uma maior interação com outros programas federais e com as esferas estadual e municipal, a capacitação dos professores para lidar com o material e uma maior divulgação.

EDITORES E AUTORES DISCUTEM PROGRAMA

No segundo dia do seminário, representantes dos editores e dos autores puderam dar sua opinião sobre o *Literatura em minha casa*. Apesar de algumas críticas e das sugestões apresentadas, todos foram unânimes ao afirmar que o programa precisa continuar na próxima gestão do Ministério da Educação.

Os trabalhos começaram com a apresentação da opinião dos editores sobre o PNBE. Primeiro, José Henrique Grossi, vice-presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL), apontou alguns problemas no *Literatura em minha casa* que, ao seu ver, deveriam ser corrigidos. Para ele, o número de títulos (30, em 2001, e 40, em 2002) é pequeno em função do grande número de lançamentos que o mercado produz todos os anos, em torno de 12 mil. Ele também não concorda com o formato padronizado e o fato de as ilustrações serem em preto e branco.

“Acho errada a opção do FNDE de negociar os livros de literatura da mesma forma com que negocia o livro didático. No livro infantil e juvenil, muitas vezes, a forma faz parte do conteúdo”, disse Grossi, citando a Ciranda como exemplo de que era possível produzir um material diversificado.

Evanildo Bechara, suplente da Diretoria de Comunicações do Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL), também reconheceu os avanços trazidos pelo PNBE, e a importância de se despertar e desenvolver o hábito da leitura. No entanto, ele sugeriu que fossem adotadas ainda outras medidas para resolver o problema, como um programa nacional de incentivo às bibliotecas para atualizar o acervo.

Para Bechara, no Brasil, a negociação para compra de livros concentra um número pequeno de editoras. “Isso enfraquece os elos da cadeia de livros, já que os distribuidores e os livreiros não participam”.

O diretor de Relações Institucionais da CBL, Felipe Lindoso, também fez algumas críticas ao programa, como a exclusão dos professores do processo de escolha – feita por comissões –, o pequeno número de livros avaliados, o desprezo pela produção local e a exclusão das livrarias do processo. “Muito terreno precisa ser cumprido até que o *Literatura* tenha a maturidade que queremos. De qualquer forma, é um grande programa de distribuição de livros”.

Depois dos editores, foi a vez de os autores ganharem a palavra. Rogério Andrade Barbosa, presidente da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AE-LIJ), mostrou preocupação com a padronização e pediu que o programa fosse estendido às demais séries do ensino fundamental. Ele distribuiu entre os participantes uma cópia da carta que entregou ao novo governo pedindo a manutenção do programa e sugerindo aperfeiçoamentos: “Por que entregar às crianças livros tão iguais? E por que repetir o nome de escritores? Seria mais interessante e democrático ter cada livro de um autor”.

O ilustrador Roger Mello, que participou do *Literatura em minha casa* também como escritor, ressaltou o mérito do programa em levar a literatura à casa da criança. Ele contou que, nas viagens que fez pelo país, ouviu muitos relatos de professores, crianças e pais, alguns que tinham recebido um livro pela primeira vez. Ele concordou que a questão da ilustração e do formato precisa ser revista, mas afirmou:



“Esta idéia precisa continuar, melhorando a cada dia. Toda iniciativa só pode ser criticada a partir dela mesma. Não se pode criticar o vazio”

PROFESSORES COMPARTILHAM EXPERIÊNCIAS

Openúltimo painel do seminário teve relatos de experiências de uso do PNBE. Maria do Socorro D’Ávila, do Centro dos Trabalhadores da Amazônia, localizado em Rio Branco (AC), mostrou como percorre a floresta levando os livros às comunidades indígenas famílias de seringueiros. “Depois do programa, nossos alunos estão lendo mais e melhor”, disse ela, ressaltando que é preciso preparar os professores para trabalhar o material do programa.

Simone Monteiro de Araújo, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ), contou as experiências do município da promoção da leitura. Em relação ao *Literatura em minha casa*, ela disse que foi preciso realizar o trabalho de convencer o professor de que o livro era do aluno. E disse que a realidade às vezes impede que os bons projetos sejam aproveitados em sua plenitude. Ela contou a história de uma professora da Zona Oeste que viu que precisava trabalhar os livros em sala de aula antes de entregar ao aluno, porque de outro modo ele os venderia. “Era preciso, então, mostrar que o livro tinha um valor para ele”.

Participante do colegiado, Éster Santos Ferreira Monteiro, superintendente de ensino da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEE/RJ), falou que não é possível se criar o hábito da leitura de forma impositiva, e sim estimulando o contato agradável da criança com o livro. Assim, a secretaria promoveu encontros de leitura, que incluíam os pais, envolvendo a família nesta responsabilidade.

Marisa Borba, da Casa da Leitura PROLER do Rio, relatou o trabalho de preparação dos professores para lidar com o acervo entregue às escolas e aos alunos. “Era um direito dos alunos levar para casa aqueles cinco livros. É preciso evitar a didatização do livro de literatura infantil, mas o professor precisa fazer a mediação”, disse ela.

Suely Duque Rodarte, secretária de Educação de Campo Belo (MG) – que já tinha estado no seminário no dia anterior para falar da escolha dos livros pelo colegiado, do qual fez parte – mostrou como a chegada dos livros em seu município foi celebrada com festa, mostrando um vídeo para os participantes.

Por fim, o painel sobre bibliotecas escolares trouxe grande discussão para os presentes, principal-

mente quanto ao uso do nome biblioteca, em contrapartida à denominação de salas de leitura, usada em alguns municípios, incluindo o Rio de Janeiro. Primeiro, Maria da Graça Monteiro, da prefeitura de Goiás (GO), mostrou o projeto de criação de bibliotecas que está sendo implantado no município. “O problema é que saímos da tradição oral para a audiovisual sem passar pela tradição escrita. Por isto, é preciso que o leitor frequente este ambiente cultural em quantidade e qualidade”, afirmou.

A professora Cássia Cilene Moura, da Escola Municipal CIEP Adão Pereira Nunes, em Irajá (RJ), enfatizou a importância de se ter a família na escola. “Os pais, a partir das visitas que fizeram ao colégio, puderam perceber melhor a função da escola e se tornaram nossos parceiros”, disse a professora.

Depois, foi a vez dos participantes conhecerem a experiência de uma escola particular, a Oga Mitá, no Rio de Janeiro. Cláudia Pimentel e Selma Monteiro, responsáveis pela biblioteca do colégio, falaram sobre as iniciativas de promoção de leitura na escola, como a realização de feiras, rodas de leitura e de uma semana literária. “Temos que buscar estratégias de aproximação com os professores de disciplinas, envolvendo diversas temáticas”, lembrou Selma.

Antes do fim do seminário, houve uma calorosa discussão sobre o fortalecimento do conceito de “biblioteca”, no lugar de “sala de leitura”, para ser usado nas escolas. Como representante da FNLIJ, Elizabeth Serra disse ser fundamental reforçar este termo dentro da escola, para que as crianças, desde pequenas, tenham intimidade com este ambiente e possam frequentá-lo depois de se tornarem adultos.

O documento a ser entregue ao novo governo está sendo finalizado e, em breve, será disponibilizado na página da FNLIJ.

Participantes do Seminário ouviram relatos de experiências do PNBE de todas as partes do país



Programa da Suzano é apresentado no Seminário

A palavra responsabilidade social tem ganhado destaque no dicionário da iniciativa privada nos últimos anos. É cada vez maior o papel de empresas na promoção do desenvolvimento do país. Para difundir esta idéia, foi apresentado um painel sobre o programa *Ler é Preciso*, do Instituto EcoFuturo, vinculado à Cia Suzano de Papel e Celulose.

O programa existe há quatro anos e é realizado em parceria com a FNLIJ desde o ano passado. Tem como sua principal ação a implantação de bibliotecas comunitárias em comunidades de entorno da atuação da companhia, capacitando mediadores e promotores de leitura e promovendo concursos de redação e outras iniciativas de incentivo ao hábito de ler.

Elizabeth Serra entregou um diploma em homenagem a Daniel Feffer, presidente da Suzano, "pela opção empresarial em investir na literatura infantil e juvenil e no incentivo à promoção da leitura, representando um exemplo de responsabilidade social". Como ele não pôde comparecer, a homenagem foi recebida por Christine Fontelle, gerente de Projetos Sociais do EcoFuturo. "Só através da leitura é possível produzir um país diferente", disse Christine.

Os participantes puderam conhecer três experiências de bibliotecas comunitárias do *Ler é Preciso*. Vindos de estados com realidades sociais diferentes, os integrantes do projeto mostraram aos presentes, com muita emoção, como é possível superar as dificuldades e transformar as bibliotecas em verdadeiros centros de cidadania.

João Miguel Barbosa, representante da Biblioteca Comunitária do município de São Miguel Arcaño (SP), contou como tornou seu projeto de vida a criação de uma biblioteca comunitária, que conta atualmente com três mil volumes. Com o apoio da prefeitura em despesas como local de instalação e folha de pagamentos e o treinamento de pessoal dado pela Suzano, o projeto deu tão certo que deve se auto-sustentar no fim de 2004.

Representante da Biblioteca Comunitária do município de Urbano Santos (MA), Darcy Almeida Melo também exaltou a importância de se formar parcerias e disse que, depois da abertura do espaço, já sentiu algumas mudanças em sua comunidade. Além de contar com um acervo de mais de mil livros, o local serve com ponto de encontro da comunidade para questões de cidadania, como palestras sobre higiene pessoal, de alimentos e doenças sexualmente transmissíveis.

Bem humorado e muito falante, o representante da Biblioteca Comunitária de Turmalina (MG), Marcilio José Lemos, arrancou muitas palmas da plateia ao relatar o processo de formação da biblioteca em seu município, localizado no Vale do Jequitinhonha, uma das regiões mais pobres do país. "O trabalho chegou como um preenchimento do vácuo deixado pelo Estado", disse Marcilio.

Todos concordaram que era preciso fomentar iniciativas como esta de formar parcerias para criar espaços dedicados à formação de leitores. Elizabeth Serra foi taxativa ao afirmar que não é difícil: "Não precisa complicar, a biblioteca depois segue sozinha".

Pioneirismo da Ciranda é lembrado no encontro

A Ciranda de Livros, uma parceria da FNLIJ com a Fundação Roberto Marinho e a Hoechst, foi uma união de três interesses que culminou em quase 1,5 milhão de exemplares espalhados pelos mais longínquos rincões deste país, já que a preferência era por escolas multiseriadas, principalmente em zonas rurais e periferias. No total, foram 35 mil escolas atendidas.

A FNLIJ, que cuidou da seleção dos títulos, tinha o interesse em difundir a literatura infantil e juvenil e divulgar o seu trabalho. A Rede Globo, através da Fundação Roberto Marinho, queria deixar de ser acusada de provocar o desinteresse das crianças pela leitura e foi responsável por toda a divulgação da Ciranda. E a Hoechst entrou com o patrocínio para tornar seu nome conhecido nacionalmente.

Laura Sandroni, que participou da equipe de criação da Ciranda, contou como surgiu a idéia da Ciranda e do trabalho de colocá-la em prática. Na época, a escola foi vista como a melhor maneira de fazer o livro chegar às mãos das crianças. Por isso a escolha deste local para a entrega da caixa de livros. "Com a Ciranda, descobrimos que a história de que o menino não gostava de ler era uma falácia, uma grande mentira. Desde o início, pudemos perceber o encanto das crianças com os livros", contou.

Ao todo, foram quatro Cirandas, cada uma com 15 títulos. Além de não repetir os autores, outra preocupação era misturar nomes não conhecidos dos professores na época – como Ana Maria Machado, Ziraldo e Lygia Bojunga – com autores já consagrados, como era o caso de Viriato Corrêa, Monteiro Lobato e Orígenes Lessa. Este rico material ficou em exposição durante os dois dias do seminário para apreciação dos participantes.

Assim como no *Literatura em minha casa*, a Ciranda também tinha a preocupação de fazer o livro chegar às mãos do aluno, e não ficar retido numa sala de direção ou num armário qualquer. Por isto, havia uma ficha para cada um dos livros que servia como o arquivo de empréstimo de uma biblioteca. E, se o livro por algum motivo estragasse, o professor podia escrever para uma Caixa Postal solicitando sua reposição.

Os professores, que tinham um papel importante ao estimular o contato do aluno com o livro, também não foram deixados de lado na Ciranda. Além de um guia que recebiam junto com os livros sobre sua utilização, foram promovidos encontros sobre literatura para crianças e jovens nas principais capitais com as escolas que tinham recebido a Ciranda.



12 ■ Christine Fontelle recebeu uma placa de homenagem da FNLIJ em nome de Daniel Feffer

Julio Bueno recebe homenagem da FNLIJ



Patrocinando pela segunda vez o Salão do Livro, a BR Distribuidora reafirmou seu compromisso com o crescimento do país. Com estas palavras, Alex Messias, gerente nacional de Comunicação e Marketing da companhia, recebeu um diploma de homenagem que a FNLIJ preparou para o presidente da empresa, Julio Bueno, “pelo decisivo apoio prestado à promoção da literatura infantil e juvenil por meio do patrocínio ao Salão do Livro para Crianças e Jovens da FNLIJ”.

“Iniciativas como esta podem criar uma verdadeira entidade para o Brasil, a leitura. É emocionante ver a dedicação da Fundação. A Petrobrás deve, por dever de cidadania, continuar apoiando o Salão”, afirmou Messias.

Antes de prestar a homenagem, Elizabeth Serra lembrou que o patrocínio da empresa se deu de uma forma muito transparente, em que não houve os tradicionais lobbies, e sim a identificação de um leitor de Monteiro Lobato, o presidente da companhia, com o projeto. “O apoio nasceu de um encontro da comunidade do livro”, disse Elizabeth.



■ Alex Messias, gerente de Comunicação da BR, representou o presidente da empresa na cerimônia

Com o patrocínio, que chegou pela primeira vez no 3º Salão, foi possível instalar um sistema de ar-condicionado no Galpão de

Artes do MAM, tornando a temperatura mais agradável para autores, expositores e, principalmente, para as crianças.

Vencedores do Concurso *Leia Comigo!* são premiados no Salão

A noite do dia 26 de novembro foi de festa para os ganhadores do *Concurso Leia Comigo!*, com a premiação no Espaço de Leitura. Criado no ano passado pela FNLIJ com o objetivo de promover a experiência de leitura no âmbito familiar, o concurso recebeu 75 inscrições de todo o país, com textos, reais ou ficcionais, sobre a leitura partilhada entre adultos e crianças e jovens.

O primeiro lugar de relato de situação real foi entregue a *Brincando com os sentidos*, de Caio Silveira Ramos. Advogado, ele trabalha como servidor público em São Paulo e contou como seu pai o apresentou ao mundo dos livros. O texto foi lido aos presentes por André Muniz, membro do júri.

O ganhador da categoria relato ficcional foi o texto *Não vá embora, Clarice!*, de Eloí Elizabete Bocheco. Professora aposentada e moradora de São José (SC), ela criou uma

história onde uma moça lia para um grupo de colegas varredoras de rua. Eloi não pôde comparecer à premiação, mas teve seu texto lido por Marisa Borba, que também fez parte da comissão julgadora.

Além destes dois vencedores, o júri concedeu uma Menção Especial para o trabalho *Livros no mar*, de Maria de Fátima Pinheiro Neves, por sua originalidade. Museóloga do Rio de Janeiro, ela narrou a criação de uma biblioteca dentro de um navio, comandado por seu pai. Ela fez questão de ler seu relato pessoalmente.

Também integraram o júri os especialistas Cynthia Rodrigues, Elizabeth Serra, Laura Sandroni, Maraney Freire e Ninfa Parreiras. Foram avaliados quesitos como originalidade, coerência com o tema e fluência do texto. Os vencedores ganharam livros infantis e juvenis. Além disso, os três textos selecionados serão publicados no *Notícias 2*.

Seminário *Ler é preciso* é publicado em livro

Foi lançado no Salão no dia 26 o livro *Ler é Preciso*, que reúne as palestras e discussões do seminário com o mesmo nome realizado no 1º Salão do Livro. Este foi o segundo título a ser publicado com o selo FNLIJ / Editora Global, que também vai colocar à disposição do público os outros seminários promovidos pela FNLIJ.

Entre os autores, estavam presentes Márcio Vassalo, Ninfa Parreiras, Regina Yolanda, Marisa Borba, André Muniz e Rosa Cuba Riche. A organizadora do livro foi Elizabeth Serra. Depois de uma sessão de autógrafos, foi servido um coquetel.



VII Concurso FNLIJ/PROLER premia projeto mineiro

A outra premiação da noite foi referente ao VII Concurso FNLIJ / PROLER – Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura Junto a Crianças e Jovens de Todo o Brasil. O primeiro lugar ficou com “*Leia e passe adiante*”, de Uberaba (MG), que integra vários núcleos onde há o incentivo de empréstimo de livros, participação em rodas de leitura e experiências de leitura “com” e “para” outras pessoas.

Vânia Maria Resende, idealizadora e coordenadora do projeto, começou usando os exemplares de sua própria livraria no empréstimo aos leitores. Agora, ela quer incorporar os 500 livros recebidos como prêmio para aumentar e diversificar ainda mais o acervo do projeto. Ao receber o prêmio, Vânia disse que “o mais importante é ir até as pessoas, onde elas estejam, seja em bibliotecas, praças públicas ou hospitais”.

A segunda colocação ficou com “*Canto de Leitura*”, da ONG Ler e Agir, do Rio de Janeiro, que promove, na comunidade de Rio das Pedras, em Jacarepaguá, rodas de leitura, oficinas literárias e outras atividades de promoção à leitura. O terceiro lugar foi entregue ao projeto “*Vamos ler Camaçari*”. Vinculado à Biblioteca Central do Município de Camaçari (BA), ele funciona como uma biblioteca-móvel com acervo especializado em literatura infantil.

A comissão de especialistas foi formada por Elizabeth Serra, Jane Paiva, Laura Sandroni, Marisa Borba, Mônica Messenberg e Emir Suaiden. Os prêmios foram acervos de livros infantis e juvenis.

Momento *Literatura em Minha Casa* mostrou a importância de ler junto



Durante o Salão, a programação do Espaço de Leitura FNLIJ teve um horário especial dedicado às coleções *Literatura em minha casa*, iniciativa do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE/MEC) que já distribuiu 60 milhões de livros para alunos da rede pública em todo o país. No momento *Literatura em minha casa*, uma novidade do 4º Salão, autores, contadores de história e especialistas em literatura se alternavam lendo trechos dos livros das coleções, mostrando ao público jovem e adulto a importância da leitura compartilhada para a formação do gosto pela leitura.

No dia 25 de novembro, foi apresentada a coleção *Folclore ou Teatro*. Roger Mello, que ilustrou uma das coleções, mostrou seus desenhos ao público. Anna Maria Rennhack leu *Histórias de lenços e ventos*, de Ilo Krugli. *A peça Ossaltimbanco*, de Chico Buarque, foi apresentada por Benita Prieto. Marilda Pontes contou ao público a história de *Caipora e Curupira*, de Monica Stahel. O momento seguiu com a leitura de *Folclore vivo*, de Herberto Sales, feita por Rogério Barbosa. *Histórias que o povo gosta*, de Ricardo Azevedo, foi o livro lido por Pituca Nirobi.

A coleção *Contos* foi o destaque do dia 27. A escritora Rosa Amanda Strausz leu *Mamãe trouxe um lobo para casa*, de sua autoria, e *O cachorro canibal*, de José J. Veiga. *Palavras aladas*, de Marina Colasanti, foi o conto apresentado por Marilda Pontes. Anna Maria Rennhack falou sobre a coleção da Record. Antonio Torres leu a história de *Por um pé de feijão*, escrito por ele.

O público também ouviu a leitura de *Chifre em cabeça de cavalo*, feita pelo autor Luiz Raul Machado. Isa Pessoa leu o conto *Chico e Manuela*, de Ruy Castro. Pituca Nirobi brindou o público com *O homem nú*, de Fernando Sabino. Cecília Reggiani Lopes leu para os presentes *Faz de conto*. E Roger Mello leu seu conto *Meninos do mangue*.

Os clássicos da literatura universal tomaram conta do momento *Literatura em minha casa* no dia 28, com a leitura de diversos títulos. Anna Maria Rennhack leu um trecho de *O mágico de Oz*. Em seguida, Carlos Heitor Cony leu fragmentos de *O homem da máscara de ferro*, de Alexandre Dumas. Pituca Nirobi apresentou a história de *Ali Babá e os quarenta ladrões*. *A formiguinha e a neve*, de João de Barro, foi lida por Benita Prieto. Depois dela, Cecília Reggiani Lopes apresentou *O Rouxinol e o imperador da China*, de Hans Christian Andersen. Por último, Luis Antonio Aguiar leu *Ovelho e o mar*, de Ernest Hemingway.

As duas escritoras brasileiras a ganhar o Hans Christian Andersen, Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, participaram da apresentação da coleção *Novela* no dia 29. Lygia leu trechos de seus *Casa da madrinha* e *A bolsa amarela*, ambos incluídos na coleção. Ana Maria Machado leu uma parte de seu livro *Bisa Bia Bisa Bel*. A noite também foi consagrada pela presença do imortal Antonio Olinto, que comentou a história de



■ Ana Maria Machado e Lygia Bojunga leram títulos da coleção

O gato Malhado e a andorinha Sinhá, de Jorge Amado.

Naterra dos meninos pelados, de Graciliano Ramos, foi apresentado por Rosinha. *A vacavoadora*, de Edy Lima, teve um trecho lido por Benita Prieto. *O fantasma*, de Elias José, foi apresentado por Marisa Pontes. No último dia, foi a vez da coleção *Poesia* encantar o público com os mais lindos versos.

Pedro Bandeira declamou *Mais respeito*, escrito por ele. *De cabeça pra baixo*, de Ricardo da Cunha Lima, foi apresentado pelo próprio autor. *Destino*, de Menotti Del Picchia, foi declamado por Marilda Pontes. Depois, Pituca Nirobi leu poemas do livro *Varau de Poesias*, da Ática, e Anna Maria Rennhack leu poemas do do livro *Simplesmente Drummond*, de Carlos Drummond de Andrade. *O rei que mora no mar*, de Ferreira Gullar, foi apresentado ao público por Benita Prieto. Elisa Lucinda conversou sobre sua obra *A menina transparente*.

Cuba é o país homenageado no Salão

Cuba, considerado modelo mundial de educação, foi o país homenageado durante o 4º Salão. A produção editorial do país voltada para o público infantil e juvenil ganhou destaque num estande em frente à Biblioteca FNLIJ/BR, e chamou atenção do público, principalmente dos professores e escritores que visitaram o Salão.

Para representar o país, a FNLIJ convidou Emília Gallego, presidente do Comitê Cubano do IBBY, que também é especialista em literatura infantil e juvenil. Ela esteve no Espaço de Leitura FNLIJ no dia 24 de novembro para participar do bate-papo "Cuba: um país de leitores".

Para a plateia, ela explicou como o país venceu o analfabetismo através de uma campanha em menos de um ano, através da criação de escolas rurais e da capacitação de

professores leigos. E fez uma análise interessante do papel do Estado cubano com o hábito de leitura no país: "Todo processo de leitura, de acesso ao livro, está relacionado ao modo com que as pessoas vivem. Quem tem que se preocupar com o que vai comer no dia seguinte acaba não tendo como pensar em ler", afirmou Emília.

Com o fim do comunismo na União Soviética – e a escassez de recursos que chegavam a Cuba, agravada pelo embargo econômico imposto pelos EUA –, houve um aumento de dificuldades em quase todos os setores. A produção editorial, que chegou a centenas de títulos no passado, não passou de 20 em 1996. Além disso, as tiragens atuais não chegam a ultrapassar os três mil exemplares.

No entanto, Emília contou como estes problemas são driblados pela presença de

bibliotecas públicas em todo o país. Elizabeth Serra, reforçando o testemunho de Emília, disse que "Cuba conseguiu alcançar algo que nós, latino-americanos, não conseguimos: formar um país de leitores. Lá, bibliotecas fazem parte da vida dos cubanos".

Além de participar do Salão, Emília Gallego aproveitou sua viagem ao Brasil para divulgar outras ações do IBBY. Uma delas é a realização, em 2003, do congresso *Lectura 2003*. O encontro acontecerá em Cuba e estará comemorando os 50 anos do IBBY, os 35 da FNLIJ e os 20 anos da seção cubana. Emília também promoveu, entre os autores brasileiros, o *II Prêmio Ibero-americano Para Ler o XXI*. O concurso, realizado em parcerias pelas seções brasileira, cubana e canadense do IBBY, terá a premiação feita durante o *Lectura 2003*.

Acervos de livro das escolas e bibliotecas municipais recebem reforços



Reconhecendo a necessidade de escolas e bibliotecas municipais aumentarem seus acervos de literatura infantil e juvenil, o prefeito Cesar Maia aprovou novamente a disponibilização de uma verba para compra de livros no Salão. Com a quantia de R\$ 496 para cada um dos 1.034 colégios da rede e também para 35 bibliotecas, um mar de professores passou pelos corredores do Salão à procura de novidades para os pequenos leitores. Eles retiravam os tíquetes, carinhosamente chamados de “cheque-livro” ou “vale-livros”, no próprio Salão e então saíam para comprar.

Com a movimentação concentrada nos últimos dias de feira – já que os procedimentos burocráticos atrasaram a liberação da verba – chegaram a ser formadas filas nos estandes das editoras, que precisaram se desdobrar para atender a todo mundo. Sacolas cheias, companhia de ajudantes, valia de tudo para transportar os livros já comprados, até mesmo carrinhos de bagagem. Um distribuidor, num gesto muito simpático, distribuiu cafezinho e pão-de-queijo para as professoras que aguardavam nas editoras representadas por ele.

As listinhas também estavam presentes nas mãos dos professores. Isto porque, desde o início da visitação, os alunos da rede municipal ficaram encarregados de anotar, num formulário, os livros que desejariam ver na escola, com respectivos autor, preço e nome da editora.

Professora da sala de leitura da Escola Municipal Monsenhor Rocha, na Penha, Ângela Maria Lopes Isidoro preferiu fazer suas compras no sábado, na companhia de uma colega de outra escola. “Escolhi os livros através de sugestões dadas em reuniões, de colegas e também dos alunos que, apesar de serem do ensino infantil, já sabem escolher”, disse a professora. No ano passado, ela disse que comprou uma quantidade bem grande, perto de 200, mas que este ano preferiu comprar livros mais produzidos, com capa dura.

Com uma faixa etária bem maior a atender, a professora Luiza Margaret da Silva Gonçalves, da Escola Municipal Professor Teófilo Moreira da Costa, em Vargem Grande, teve que se desdobrar e comparecer ao Salão em dois dias para conseguir comprar tudo. O colégio atende a alunos desde o ensino infantil até a 8ª série do ensino fundamental, e ela ainda escolheu livros para formação de professores. “A grande vantagem de termos os tíquetes para escolhermos os livros é que nós realmente conhecemos as necessidades da escola e do aluno”, afirmou Luiza, que deu ênfase à literatura brasileira na hora de comprar.

Simone Monteiro de Araújo, da Secretaria Municipal de Educação (SME), diz que a descentralização na escolha é realmente a grande vantagem deste programa. “Nós recomendamos alguns livros, mas o professor tem total liberdade para comprar no Salão o que quiser”, explicou.

Flashes do Salão

CRIANÇAS LEVARAM PARA CASA 13 MIL LIVROS

Cada criança que passou pelo Salão ganhou de presente um livro de literatura. No total, foram 13 mil exemplares distribuídos durante os dez dias do evento. A iniciativa da FNLIJ, que comprou os livros das editoras, pelo preço simbólico de um real, buscou não deixar nenhuma criança, independentemente da classe social, sair do Salão de mãos vazias depois de conhecer tantos livros. Além disso, a FNLIJ doou 6.321 livros de seu acervo.

Apostaram na idéia as editoras Manati, Global, Paulus, Callis, Editora 34, Brinque-Book, RHJ, Martins Fontes, Ática, Casa da Palavra e Projeto. A iniciativa provocou surpresas agradáveis em muitas das crianças, que não sabiam que ganhariam o livro ao sair do Salão.

QUASE 300 ESCOLAS VISITARAM O SALÃO

Mesmo com a mudança de data do Salão do início para o fim de novembro, as escolas não deixaram de prestigiar a literatura infantil. Pelos corredores do

Salão, passaram cerca de nove mil alunos de 279 escolas do Rio de Janeiro. Deste total, sete mil estudantes eram de 228 unidades da rede pública e, os dois mil restantes, de 51 escolas particulares. Novamente, a visitação foi organizada com cuidado e competência pela Associação dos Representantes de Editoras do Estado do Rio de Janeiro (AREERJ).

PAINEL DA AEI-LIJ REÚNE ESCRITORES E ILUSTRADORES

A Associação dos Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEI-LIJ) participou novamente do Salão. Um grande painel instalado na saída do Galpão de Artes do MAM era ponto de parada obrigatória de escritores, que deixavam seus autógrafos, e ilustradores, que preparavam belos desenhos, sempre acompanhados por Rogério Andrade Barbosa, presidente da associação.

A convite da AIE-LIJ, esteve presente no Salão a autora Sue Alexander, representando a *Society of Children's Book Writers and Illustrators*, uma organização profissional de autores de literatura infantil localizada em Los Angeles.

SALÃO ESTRÉIA COM NOVO SITE NA INTERNET

A página da FNLIJ na Internet ganhou cara nova pouco antes de o Salão começar. No endereço (www.fnlij.org.br), os visitantes tinham acesso ao site do 4º Salão, onde eram atualizadas diariamente as notícias sobre lançamentos, encontros e performances. Um mapa com a localização dos estandes também estava disponível para os internautas. Quem quisesse podia conferir ainda a programação da Biblioteca FNLIJ/BR e do Espaço de Leitura FNLIJ, bem como ter informações sobre agendamento de visitação escolar.

PROLER NOVAMENTE PRESENTE AO SALÃO

Parceiro da FNLIJ em diversas iniciativas, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), da Fundação Biblioteca Nacional, esteve presente novamente no Salão. Através de três painéis localizados na saída do Galpão de Artes do MAM, os visitantes puderam conhecer melhor o programa, que tem difundido a leitura para crianças e jovens em todo o Brasil e que completou dez anos em 2002.

Participe dos concursos promovidos pela FNLIJ em 2003

Em 2003, a FNLIJ continuará premiando iniciativas ligadas à literatura infantil e juvenil.

FNLIJ 35 anos - DILI

Neste ano, a FNLIJ promoverá o **Concurso FNLIJ 35 anos do Dia Nacional do Livro Infantil (DILI)**, destinado a professores, bibliotecários, educadores e aqueles que promovem a leitura entre as crianças. O regulamento será divulgado em breve no Notícias.

II Concurso Leia Comigo!

Pelo segundo ano, a FNLIJ também realizará o **II Concurso Leia Comigo!**, que premia os melhores textos (reais e ficcionais) sobre leitura partilhada entre adultos e crianças. Os trabalhos selecionados serão publicados no Notícias, e seus autores ainda ganharão livros de literatura infantil e juvenil.

VIII Concurso FNLIJ / PROLER

Em 2003, também está previsto o **VIII Concurso FNLIJ / PROLER – Os melhores Programas de Incentivo à Leitura Junto a Crianças e Jovens de Todo o Brasil**. Portanto, organizações públicas ou privadas, sociedades comunitárias e pessoas físicas que desenvolvam projetos nesta área devem ficar atentas à divulgação do regulamento, que acontecerá ao longo do ano. O prêmio é composto por acervos de livros infantis e juvenis.

Acompanhe a divulgação dos regulamentos nas próximas edições do Notícias

MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Barsa Planeta Internacional Ltda., BCD União de Editoras, Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Compór, Cosac & Naify, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Editorial Mercuryo Jovem, Exped, Forense, Formato, FTD, Global, IBEP-Companhia Editora Nacional, João Carlos Serra, Jorge Zahar Editores, José Olympio, Lê, Lucerna, L&PM Editores, Martins Fontes, Marcos da Veiga Pereira, Melhoramentos, Miguilim, Moderna / Salamandra, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, Paulus, Pearson Education do Brasil, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, RHJ, Rocco, Santa Clara, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Thex Editora, Stúdio Nobel.

EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers

Responsável: Elizabeth D' Angelo Serra • Redação: Luciana Barros Estagiária: Lídia Negris Bezerra

• Diagramação: Leonardo Novaes

GESTÃO 2002-2005 • Conselho Curador: Eduardo Portella, Marcos Pereira, Maria Antonieta Antunes Cunha, Regina Bilac Pinto, Roberto Feith, Wander Soares. Conselho Diretor: Carlos Augusto Lacerda (Presidente), Laura Sandroni, Sônia Machado. Conselho Fiscal: Ana Lygia Medeiros, Henrique Luz, Terezinha Saraiva. Suplentes: Celina Dutra da Fonseca Rondon, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Regina Lemos. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Alexandre Martins Fontes, Annete Baldi, Bia Hetzel, Daniel Feffer, Felipe Lindoso, Ferdinando Bastos de Souza, Fernando Paixão, José Alencar Mayrink, José Bantim, Lília Schwarcz, Luiz Alves, Vladimir Ranevsky, Lúcia Jurema Figueirôa. Ottaviano de Fiore, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Ricardo Arissa Feltre, Rogério Andrade Barbosa, Wladimir Murtinho. Secretária Geral: Elizabeth D' Angelo Serra.


Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente Notícias.

Tel.: (0XX)-21-2262-9130

e-mail: fnlij@alternex.com.br

home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil tel.: (0XX)-21-2262 9130 fax: (0XX)-21-2240 6649 e-mail: fnlij@alternex.com.br

Quatro séculos de leituras populares

Conferência de Roger Chartier no Rio de Janeiro ¹

No *Tesouro da Língua Castelhana ou Espanhola*, de Covarrubias (1611), o verbete “*carta*” enumera as seguintes definições: “*cartanova*”, em língua valenciana, as coplas ou relatos em prosa de algum acontecimento novo e notável, que os cegos e os charlatães e saltimbancos vendem pelas ruas e praças; “*cartilla*”, a folha onde estão escritas as letras do alfabeto, e por onde as crianças começam a ler; “*cartapel*”, a escrita longa, que junta folha com folha, sem virar a página, como os éditos que são fixados nas portas das igrejas, tribunais e lugares públicos; “*cartel*”, o escrito que é posto em tempo de festas pelos organizadores de justas ou torneios, ou jogos de anéis, aos pés do qual assinam os aventureiros, sendo que costuma chamar-se de cartaz também o libelo infamante fixado secretamente pelas esquinas. Colados ou pregados nas paredes, divulgados pelas ruas e praças, vendidos pelos cegos, utilizados pelos mestres, os textos impressos ou manuscritos chegam até os leitores mais populares do Século de Ouro.

Nos séculos XVI e XVII mesmo aqueles que não sabem ler podem ter acesso à cultura escrita como ouvintes das leituras em voz alta feitas por quem aprendeu o á-bê-cê. Cervantes representa semelhante transmissão dos textos no capítulo XXXII da primeira parte do *Quixote* (1605), onde o taberneiro *Juan Palomeque* evoca assim a leitura em voz alta de duas novelas de cavalaria, *Don Cirongilio de Tracia* e *Felixmarte de Hircania*, e de uma crônica, a *Historia del Gran Capitán Gonzalo Hernández de Córdoba*:

“Quando é tempo da sega, se reúnem aqui para as festas muitos segadores, e sempre há algum que sabe ler, o qual pega um destes livros nas mãos, e o rodeamos mais de trinta e o estamos escutando com tanto gosto, que nem pensamos em preocupações.”

Fica muito claro, então, que a forma “moderna” da leitura silenciosa e solitária não fez desaparecer as práticas mais antigas que ligavam o texto e a voz e permitiam a formação, pelo menos nas cidades, de um amplo público que “leu” os textos, escutando-os graças à mediação das vozes leitoras. O grande analfabetismo na Espanha do Século de Ouro não impedia esta modalidade de transmissão da cultura escrita, já que, como observa Margit Frenk (1997), “bastava que em uma família ou em uma comunidade houvesse uma pessoa que soubesse ler para que, virtualmente, qualquer texto pudesse ser desfrutado por muitos”.

Pouco tempo depois da invenção da imprensa, alguns tipógrafos e livreiros audaciosos entenderam que existia um amplo mercado para o escrito. É a esse público de leitores e ouvintes que dirigiram os novos gêneros impressos. Conquistar essa nova clientela “popular” – no duplo sentido da palavra: era numerosa e abarcava leitores humildes (artesãos, pequenos comerciantes, elites aldeãs) – pressupunha diversas condições: unir fórmula editorial que baixasse os custos de produção e, com isso, o preço de venda do livro ou livrete; a distribuição dos objetos impressos por vendedores ambulantes; e a feitura de um catálogo de textos susceptíveis de captar o maior número possível de leitores, inclusive os menos favorecidos.

¹ A editora FTD, comemorando 100 anos, procurando ressaltar a importância da leitura literária na formação do leitor, convidou a FNLIJ para organizar a 1ª Conferência FTD de Educação e Cultura. Para essa conferência foi convidado o Prof. Roger Chartier, da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, França. Ele esteve no Rio de Janeiro, na Fundação Biblioteca Nacional, no dia 17 de outubro, em evento promovido pela FNLIJ/PROLER/editora FTD, apresentando uma conferência sobre o tema: “Leituras e leitores populares – séculos XV-XIX”, no Auditório Machado de Assis. Em São Paulo, também dentro desta programação dos 100 anos da FTD, no dia 22 de outubro, Roger Chartier, falou sobre “Do Leitor ao navegador – Os desafios do novo mundo textual”. No Notícias 3 estamos publicando a primeira parte da conferência do dia 17 de outubro. Em um próximo número, traremos a continuação. A tradução é de Márcia Filgueiras Gonçalves.



FNLIJ

Notícias

Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 21

Foi assim que na Espanha uniu-se um objeto tipográfico – o caderno solto – e uma coletânea de textos em prosa ou verso (Infantes, 1992). A forma do caderno se define como uma folha de papel de imprensa dobrada duas vezes – ou seja, oito páginas no formato em quarto. Em um só dia de trabalho, uma prensa podia imprimir entre 1.250 e 1.500 exemplares de um caderno. Ajustada assim às estruturas da imprensa espanhola que contava com muitas gráficas que não dispunham de mais de uma prensa, a fórmula do caderno (que podia ser ampliada para até quatro folhas de imprensa, ou seja, trinta e duas páginas) impunha a escolha de textos cuja circulação podia assegurar. Tinham que ser pequenos, susceptíveis de grande difusão e pertencer a gêneros “populares” no duplo sentido, social e comercial, da palavra. Daí surgiu nos séculos XVI e XVII a preferência pelos romances – os relatos de acontecimentos, cuja produção anual se incrementou fortemente a partir da última década do século XVI – ou as comédias soltas. Esta ampla difusão dos cadernos permitiu a presença da escrita impressa na cultura do cotidiano – mesmo para os analfabetos ou mal-alfabetizados.

A partir do início do século XVI, os romances, compostos para serem cantados, como toda a poesia épico-lírica, começaram a circular em forma impressa, mas em duas modalidades muito diferentes. A primeira era formada pelas antologias, coleções, recopilações que tomavam a forma de cancioneros e que incluíam várias dezenas ou centenas de romances. É provável que estas recopilações, cuja série começa com o “Cancioneiro Geral” de Hernando del Castillo em 1511, e que com bastante frequência levam o título de “Miscelânea de Romances”, se dirigiam a leitores socialmente favorecidos que pertenciam ao mundo das pessoas cultas. A segunda forma de circulação é a que constituía os livretes, cujo exemplo mais antigo data de 1510 e foi impresso em Zaragoza por Jorge Cocí.

Se num primeiro momento a fórmula impressa se ajustou à forma poética, posteriormente se constatou um movimento inverso. O primeiro repertório de romances impressos, o dos romances “velhos”, foi o resultado de escolhas feitas pelos livreiros editores da primeira metade do século XVI de dentro da tradição oral e manuscrita. Os romances “modernos”, que escreveram depois poetas letrados (Góngora, Lope de Vega) para leitores cultos, se submeteram às dimensões do livrete. O mesmo ocorre no século XVII com os romances de cego ou de cordel, dirigidos a um segmento popular e cuja composição era atribuída aos cegos que os vendiam, já que na Espanha eram as suas confrarias que possuíam o monopólio dos papéis públicos, determinados por uma decisão real de 1739, como “gazetas, almanaques, coplas e outros papéis de devoção e diversão que não excedam a quatro folhas” – “quatro folhas”, ou seja, a definição do caderno no formato em quarto.

O uso social dos romances se desdobra em uma ampla gama. Ingressaram profundamente na cultura do cotidiano graças à sua circulação impressa na forma de livrete: cantados, acompanharam o trabalho, o baile, a festa; decorados, proporcionaram um repertório de ditados e refrães; lidos, serviram para o aprendizado da leitura tanto quanto o foi a cartilha, à qual se refere o diálogo entre *Peribáñez* e *Casilda* na comédia de Lope:

“Amar e honrar seu marido
é letra deste á-bê-cê,
sendo boa pelo B,
que é todo o bem que te peço”.

A circulação dos livretes poéticos, situada entre transmissão oral, impressão e retorno à oralidade, mostra claramente de que maneira um mesmo gênero pode dirigir-se a públicos diferentes, nutrir diversas formas de apropriação e suscitar usos bastante opostos.

Ao criar um novo público graças à circulação dos textos em todos os segmentos sociais, os livretes contribuíram para a divisão entre o “vulgo” (leitor ingênuo) e o “discreto lector” (leitor proficiente). Certo é que a categoria de “vulgo” não designava nem imediatamente nem exclusivamente um público “popular”, mas se utilizava para depreciar os leitores (ou espectadores) desprovidos de senso estético e competência literária. Entretanto, os verbetes do *Tesouro* de Covarrubias situam a palavra “vulgo” dentro de uma série de definições ou equivalências que caracterizam socialmente o “vulgo”: “vulgo”, a gente comum do povo; “poblacho”, a gente ruim, o vulgo; “ruin”, homem de mau trato, ou coisa que não é boa. Mediante a fórmula do duplo prólogo, que indicava a mesma obra ao “vulgo” e ao “discreto”, se estigmatizava a necessidade do primeiro e se louvava o conhecimento do segundo. Em 1599, Mateo Alemán, nos dois prólogos do *Guzmán*, se dirigia em primeiro lugar ao “vulgo”, declarando: “Não quero gozar o privilégio de tuas honras nem a generosidade de tuas lisonjas, quando com elas quiseses honrar-me, que o louvor do mau é vergonhoso. Prefiro a repreensão do bom, por ser o fim mesmo com que a faz, à tua estima depravada, pois inevitavelmente há de ser má”; enquanto que, pensando no “discreto” afirmava: “Não é necessário com o leitor hábil longos preâmbulos nem prolixas arengas: pois nem o desvanece a eloquência das palavras, nem o atinge a força do discurso mais do que é justo, nem estriba sua felicidade em que o alcance a benevolência. À sua correção me submeto, seu amparo peço e confio na sua defesa”.

No Século de Ouro, porém, o “vulgo” constituía o principal mercado tanto para os textos representados sobre o palco como para os romances, coplas e relatos publicados na forma de livrete e vendidos pelos cegos. É a existência postulada e comprovada desse “vulgo” como amplo público que comandava as estratégias da escrita e as decisões editoriais dos tipógrafos e livreiros. Proclamar a primazia do gosto sobre os preceitos define toda a estratégia argumentativa de Lope em seu livro “Arte nova de fazer comédias neste tempo” (1609). O texto está construído a partir de uma contradição fundamental entre a idéia negativa da capacidade de julgamento do “vulgo” e a afirmação da legitimidade das preferências do amplo público dos teatros. Enuncia assim o paradoxo:

“Quando hei de escrever uma comédia,
enclausuro os preceitos com seis chaves;
retiro Terêncio e Plauto do meu estúdio,
para que não tenham voz, porque costuma
dar gritos a verdade em livros mudos,
e escrevo pela arte que inventaram
os que o vulgar aplauso pretenderam;
porque, como as paga o vulgo, é justo
falar-lhe nesciamente para dar-lhe gosto.”

Não é muito fácil resolver a tensão entre “justo” e “gosto”, arte e aplauso, normas poéticas e êxito público. Pode-se supor em primeiro lugar que o dramaturgo tivesse plena consciência de que o público era constituído por muitos públicos, divididos e hierarquizados em função dos

segmentos e dos sexos entre a platéia, os camarotes, os balcões e a galeria das mulheres. A categoria do "vulgo" designaria então os distintos ouvintes que formavam o público do teatro em contraste com os doutos e letrados. Outra maneira de superar a contradição que atravessa o texto de Lope consiste em fazer finca-pé na primazia dos efeitos produzidos pela própria representação sobre os espectadores. Podia-se assim recuperar contra os doutos a referência a Aristóteles como o faz o editor da "Quarta Parte" (1624), quando afirma "que não há na Espanha nem preceitos nem leis para as comédias que satisfaçam o vulgo; máxima que não desagradou a Aristóteles, quando disse que o Poeta da fábula havia atingido seu objetivo se com ela conseguisse o apreço dos ouvintes". Com semelhante retorno à autoridade poética, podia-se conciliar o êxito público com a excelência estética, medida pelo impacto da obra representada e não pela leitura do texto impresso. Voltando à sua obsessiva contabilidade textual, Lope escreve no fim de "Arte":

"Mas, o que posso fazer, se tenho escritas
com uma que acabei esta semana
quatrocentas e oitenta e três comédias?
Porque, fora seis, todas as demais
pecaram contra a arte gravemente.
Sustento, por fim, o que escrevi, e reconheço
que, ainda que estivessem melhor de outra maneira,
não teriam o apreço que tiveram,
porque às vezes o que é contra o justo
pela mesma razão deleita o gosto".

Semelhante tensão entre a construção de um novo público leitor pela oferta impressa e as denúncias da divulgação corruptora da cultura escrita fundamentou as críticas contra a invenção de Gutenberg. O livreiro condenado ao inferno nos "Sonhos" de Quevedo (1627) indica ironicamente o temor e o rechaço dos "sábios" frente a uma circulação demasiado ampla dos textos:

"Eu e todos os livreiros nos condenamos pelas obras ruins que fazem os outros, e pelo que barateamos os livros de romance e os traduzidos do latim, sabendo os tolos agora, com os livros, o que valorizavam em outros tempos os sábios, porque agora até o laiaio latiniza, e acharão Horácio em espanhol na estrebaria".

O diálogo que Lope de Vega imagina em *Fuenteovejuna* entre o lavrador *Barrildo* e o licenciado de Salamanca, *Leonelo*, ilustra a mesma desconfiança frente à multiplicação dos livros permitida pela invenção da imprensa – uma invenção recente no tempo dos eventos narrados na comédia e que ocorreram em 1476. A *Barrildo*, que louva os efeitos da imprensa:

"Depois que vemos tanto livro impresso,
não há ninguém que de sábio não se presuma",

Leonelo responde:

"Ao contrário, ignoram mais; sinto por isso,
por não se reduzir a breve suma;
porque a confusão com o excesso
os intentos dissolve em vã espuma;

e aquele que de ler tem mais uso,
de só ver letreiros está confuso".

Segundo ele, a multiplicação dos livros se transformou em uma fonte de "confusão" mais que de saber, e a imprensa, com todo o "excesso" de livros que gerou, não produziu novos gênios:

"Sem ela muitos séculos se passaram,
e não vemos que neste se levante
um Jerônimo santo, um Agostinho".

Multiplicando os exemplares, as edições baratas, as traduções nas línguas vulgares, a imprensa assegurou a difusão dos textos clássicos muito além dos meios restritos que costumavam lê-los na cultura manuscrita. Daí os possíveis proveitos dos editores e os temores das elites. Esta tensão caracteriza não somente o Século de Ouro, mas também, de maneiras distintas, cada época, já que sempre se opuseram a divulgação da cultura livresca, graças à atividade editorial, e a vontade de controlar, ou confiscar o poder do escrito, por parte dos dominantes.

Tal contradição, que não é específica da Espanha do Século de Ouro, fundamentou em outros países tanto os discursos que denunciavam a corrupção dos textos por leitores incapazes de entendê-los como a produção maciça de novos gêneros impressos dirigidos aos mais numerosos e humildes. É o caso da Inglaterra dos séculos XVI e XVII com as baladas (Watt, 1991). Estima-se em torno de três mil o número de títulos que foram publicados. Trata-se de textos de ampla difusão devido ao preço baixo, o que os colocava ao alcance dos mais modestos compradores. As baladas eram impressas em geral somente de um lado de uma folha de imprensa, de acordo com uma disposição regular na qual, desde cima até embaixo, figuravam o título, a indicação do tom em que devia-se cantar a balada, uma gravação em madeira e o texto poético, seja religioso ou profano, distribuído em duas colunas. Constituíram um grande mercado, progressivamente conquistado por livreiros especializados que estabeleceram quase um monopólio sobre o gênero.

Há que partir da própria materialidade das baladas para tentar reconstruir a maneira como eram "lidas" na Inglaterra dos séculos XVI e XVII. Está claro que duas das indicações que o próprio objeto oferece nos distanciam da leitura solitária e silenciosa. Essas indicações sugerem em primeiro lugar uma leitura feita em comum: colocada numa parede, a balada pode ser lida em voz alta por aqueles que, mais bem alfabetizados que os demais, são capazes de servir de mediadores na leitura para os menos instruídos. Também demonstram, pela indicação do tom, que o texto foi feito para ser cantado, com ou sem acompanhamento instrumental, por músicos profissionais ou por ambulantes que, assim como os cegos na Espanha, não só as vendiam como também as cantavam para atrair compradores. Utilizando seu conhecimento da clientela mais popular e sua colaboração com os ambulantes, os editores das baladas estabeleceram no início do século XVII um novo comércio: o dos "chapbooks", que diferenciava entre três tipos de impressos ("small books", "double books", "histories") e em que cada um correspondia a um formato particular e determinado número de páginas. O repertório de que se apoderou esta nova fórmula editorial reutilizou, adaptou e às vezes abreviou textos antigos, cristãos ou profanos, que pertenciam a diversos gêneros e tradições.



espírito humano tende, com frequência, para a nostalgia. Lamentar o que se perde com as modificações culturais parece ser um destino da espécie, esquecida do quanto lutou por aquelas mesmas transformações que deplora. Não havia televisão? Ah, as cadeiras à calçada, as saborosas conversas ao cair da tarde. Não havia computador?

Ah, como liam as crianças e os jovens! Não havia celular? Ah, poder fugir dos chamados inconvenientes, em qualquer fim de mundo a cem quilômetros de uma grande cidade. Não havia imprensa? Ah, o mundo girando nas mãos dos poucos realmente aptos para ter idéias e poder divulgá-las. Como era bom o mundo, antigamente.

Ao servir à fixidez do mundo, a nostalgia faz da confiança na capacidade humana de transformar as circunstâncias de vida um sentimento incômodo. Se antes era sempre bem melhor, por que inventar o futuro?

É aí, na inviabilidade do assalto nostálgico, que Roger Chartier atinge o leitor ou aqueles que assistem a suas aulas ou conferências, tocados num lugar sensível e pouco explorado pelos cientistas sociais: o lugar da confiança na invenção do futuro.

Investindo na imprevisibilidade e na sabedoria da espécie, Chartier evidencia o movimento humano no que tem de mais rico e incontrolável: deslocamentos, criações, apropriações, reinvenções.

Como cientista, e sábio, não esquece que somos um sendo, refazendo constantemente a nós e ao mundo. E que o novo não extingue o antigo. E que não se vigiam todas as fronteiras por onde o novo pode ser invadido, tomado, apossado por aqueles que não eram – originariamente – os destinatários dos seus benefícios e prazeres.

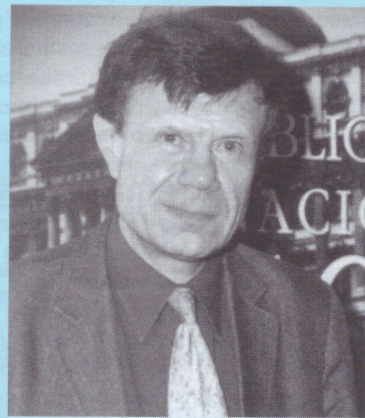
O universo do escrito é um dos que melhor pode revelar essa fermentação: a imprensa não extingue o manuscrito, os analfabetos usufruem do material impresso que se torna acessível às camadas populares, o popular é um elemento de peso nas decisões editoriais, as elites perdem e reinventam formas de controle sobre o escrito, o popular se aprimora na invasão de terrenos considerados alheios, os suportes se modificam, as marcas de leitura do popular são buscadas por profissionais nos espaços adequados para reler, à luz dessas marcas, o curso da história.

As comunidades de leitores, caracterizadas por um repertório comum, mesmos códigos de interpretação, interesses de leitura orientados na mesma direção e semelhante relação física com o ato da leitura, trazem à consideração do estudioso elementos inusitados de avaliação e prospeção da presença da palavra escrita entre os povos, em temporalidades diversas.

Ao colaborar para a melhor compreensão do panorama sócio-histórico-cultural circunscrito à presença da palavra impressa, a palestra pronunciada por Roger Chartier, historiador e professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais) propicia investimentos mais adequados nas ações que efetivem o acesso à palavra escrita – reconhecido hoje como um direito natural da espécie humana.

Nilma Gonçalves Lacerda ²

² Nilma Gonçalves Lacerda foi contemplada com a bolsa *Virtuose*, do Ministério da Cultura, com o projeto *Diário de Navegação da Palavra Escrita na América Latina*, participando, no ano letivo de 2001-2002, de vários seminários na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, num programa de pós-doutorado que teve, como interlocutor e orientador, o historiador Roger Chartier.



Roger Chartier nasceu em Lyon em 1945. É *Directeur d'Etudes* na *Ecole des Hautes Etudes* em Paris e *Visiting Professor* na *Universidad de Pennsylvania* na Filadélfia. Seus principais livros em espanhol são *El Mundo como representación. Estudios sobre historia cultural*, Gedisa, 1992; *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*, Alianza, 1993; *El orden de los libros, Lectores, autores y bibliotecas en Europa entre los siglos XIV y XVIII*, Gedisa, 1994; *Espacio público, crítica y desacralización en el siglo XVIII. Los orígenes culturales de la Revolución francesa*, Gedisa, 1995; *El juego de las reglas: lecturas*, Fondo de Cultura Económica, 2000; *Entre poder y placer: Cultura escrita y literatura en la Edad moderna*, Cátedra, 2000; *Las revoluciones de la cultura escrita. Diálogo e intervenciones*, Gedisa, 2000.

Reflexões sobre leitura e LIJ. Fascículo nº 21

Parte Integrante do Notícias 3/2003

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers